

TRABALHO SEXUAL, COVID-19 E AJUDA MÚTUA EM AMÉRICA LATINA E CARIBE

Tradução: Alberto Carneiro Barbosa de Souza

NATASHA ALPÍZAR LOBO

MEGAN RIVERS-MOORE

KATE HARDY

Carleton
University



SUMÁRIO

- 4 RESUMO
- 7 RECONHECIMENTOS
- 8 INTRODUÇÃO
- 10 METODOLOGIA
- 14 CARACTERÍSTICAS GERAIS DA POPULAÇÃO PESQUISADA
- 16 FAMÍLIA, EMPREGABILIDADE E VIDA COTIDIANA
- 18 MUDANÇAS E IMPACTOS COM A PANDEMIA

20	MEDIDAS DE PREVENÇÃO PARA AS DUAS PANDEMIAS: COVID-19 E HIV
22	VIOLÊNCIA E SAÚDE
28	RELAÇÃO COM O ESTADO
30	IMPACTO NAS ORGANIZAÇÕES
32	AJUDA MÚTUA E PARCERIAS
40	PROJEÇÕES FUTURAS
42	CONCLUSÕES
45	REFERÊNCIAS

RESUMO

Em meados de 2020, a América Latina tornou-se o epicentro da pandemia da COVID-19 e, até hoje, segue sendo a região mais afetada do planeta. O risco de contágio na região se mantém alto e, assim sendo, as profissionais do sexo ficam expostas a riscos específicos em função da impossibilidade de praticar o distanciamento social ou ainda de usar equipamentos de proteção individual em seu trabalho. Este relatório objetiva detalhar os resultados da pesquisa realizada em doze países latino-americanos entre novembro de 2020 e março de 2021, incluindo 494 investigações com profissionais do sexo oriundas dos países participantes, assim como entrevistas com líderes de doze organizações locais de profissionais do sexo, além de entrevistas com membros da secretaria executiva da Rede de Mulheres Profissionais do Sexo da América Latina e do Caribe (Redtrasex). As principais conclusões são as seguintes:

- Uma vez que trabalham no setor informal, muitas trabalhadoras do sexo tiveram que seguir trabalhando, independente se estivessem em áreas nas quais as regras de quarentena se aplicassem. Estas trabalhadoras enfrentaram cada vez mais assédio e repressão por parte da polícia e das forças militares.
- Apesar de que algumas delas tenham migrado para o trabalho remoto ou online, esta não era uma opção possível para muitas delas em função das desigualdades socioeconômicas de acesso às tecnologias digitais e de informação.
- Para a maioria das entrevistadas, o trabalho sexual é a principal fonte de renda que cobre 50% ou mais das despesas domésticas.
- A forma de trabalhar mudou substancialmente para muitas das trabalhadoras na região da América Latina. Entre os aspectos mais significativos está a transformação dos locais e formas de trabalho sexual, o tempo de dedicação e atenção aos novos protocolos de saúde instituídos em decorrência da pandemia.
- As trabalhadoras do sexo sofreram uma redução significativa no seu número de clientes e na sua renda. O impacto dessa redução foi muito significativo e, em muitos casos, as profissionais do sexo não fazem frente às suas despesas básicas (tais como alimentação, aluguel e educação).
- As profissionais do sexo têm as ferramentas e estratégias necessárias para responder à pandemia, através de sua experiência de resposta à pandemia de HIV. No entanto, a COVID-19 está prejudicando sua capacidade de gerenciar até certo ponto a própria prevenção contra HIV, em consequência de seu acesso limitado aos recursos de saúde sexual com que estas normalmente contam.
- A situação das profissionais do sexo no contexto de uma pandemia tende a se agravar: entre as duas fases da pesquisa a situação se agravou tanto em termos macro na América Latina quanto em termos micro com as profissionais do sexo especificamente.
- As organizações de trabalhadoras do sexo intensificaram suas atividades para fornecer ajuda mútua com o intuito de apoiar suas parceiras e suas comunidades durante a pandemia. As organizações têm sido capazes de responder rapidamente aos desafios da pandemia, fornecendo o suporte necessário e os recursos tangíveis para seus pares.

À direita: foto de graffiti de rua - tirada por Jon Tyson.





Acima: Líderes do Redtralsex.



AGRADECIMIENTOS

Este relatório só foi possível graças à relevante colaboração de várias pessoas, todas elas companheiras fundamentais para neste trabalho.

Agradeço à equipe Redtrasex, e principalmente à Miguel Blanco pelo apoio e feedback durante todo o processo. Muito obrigado a Elena Reynaga. Este projeto foi idealizado em conversas com Elena, e seremos sempre gratas pelo seu empenho e criatividade e por ter confiado em nós.

Agradecemos às lideranças das organizações de profissionais do sexo que participaram da investigação: Samantha Carrillo, Regina Barahona, María Consuelo Raymundo, Carmen Costa, Santuzza Alves de Souza, Irina Ceballos, Nubia Ordóñez, Miriam González, Fidelia Suárez, Lucy Esquivel, Azucena Rodríguez, Herminda González.

Obrigado às colegas trabalhadoras do sexo que conduziram as entrevistas com suas parceiras em seus países de origem.

Agradeço ainda Marie-Eve Carrier-Moisan e a Alberto Carneiro Barbosa de Souza pelo apoio na língua portuguesa.

Este projeto foi financiado por fundos do COVID-19 Rapid Response Research Grant da Carleton University, em Ottawa, no Canadá.

Finalmente, agradeço a todas as colegas que participaram das entrevistas: muito obrigada! Sua luta nos inspira!

INTRODUÇÃO

Em meados de 2020, a América Latina tornou-se o epicentro da epidemia da COVID-19. Além disso, é responsável por um quarto de todos os casos confirmados de COVID-19 e quase um terço do total de óbitos relacionados ao vírus, embora constitua apenas 8% da população mundial (Taylor, 2020).

As quarentenas em diversos países latino-americanos, incluindo Bolívia, Colômbia, Equador e Peru estão entre as mais longas e rigorosamente aplicadas em escala global (Gideon, 2020). O lançamento das vacinas ganhou ritmo em toda a região, embora a porcentagem de indivíduos vacinados varia significativamente, de 33% na Guatemala a 91% no Chile (Harrison 2022) neste momento. As desigualdades globais já existentes no acesso aos serviços de saúde, incluindo saúde preventiva, foram expostas e agravadas no contexto da pandemia.

Portanto, o risco de contágio naquela região se mantém alto e, assim sendo, as profissionais do sexo ficam expostas a riscos específicos em função da impossibilidade de praticar o distanciamento social ou ainda de usar equipamentos de proteção individual em seu trabalho. Além disso, como o setor de trabalho informal acontece em sua maior parte à margem dos sistemas de seguridade social, restam poucas alternativas às profissionais do sexo. Muitas tiveram que voltar ao trabalho independente se tivessem sido atingidas ou não pelas regras da quarentena. Ao fazê-lo, enfrentaram cada vez mais perseguições e repressão por parte da polícia ou de forças militares; a isso, soma-se ainda o fato de que a clientela caiu significativamente. Embora algumas mulheres tenham se reinventado para oferecer seus serviços online, esta não é uma opção acessível para todas em função das desigualdades socioeconômicas de acesso às tecnologias digitais e de informação.

Apesar das adversidades do contexto atual, as organizações de trabalhadoras do sexo intensificaram suas atividades de ajuda mútua, a fim de ser um suporte para suas parceiras e para

suas comunidades durante a pandemia. Essas práticas não são novas. Inclusive, as trabalhadoras do sexo já vêm se organizando coletivamente na América Latina há quase três décadas (Hardy e Rivers-Moore, 2018). Neste sentido, estas profissionais têm conseguido reivindicar direitos legais e laborais, além de diversos serviços de apoio, desempenhado com isso um papel essencial no combate à epidemia de HIV/AIDS, obtendo reconhecimento internacional pelos seus esforços (Hardy e Rivers-Moore, 2020). Da mesma forma, através dos resultados de seus sistemas organizacionais, as profissionais do sexo têm sido capazes de responder rapidamente aos desafios da pandemia para fornecer o apoio necessário e recursos palpáveis para suas parceiras.

A fim de compreender melhor o que vivem as profissionais do sexo nestes momentos de alta complexidade social, este relatório se propõe detalhar os resultados obtidos em uma investigação realizada em doze países latino-americanos entre novembro de 2020 e março de 2021. A pesquisa conta com 494 pesquisas com profissionais do sexo dos países participantes, além de entrevistas com dirigentes de 12 organizações nacionais de profissionais do sexo, além da secretaria executiva da Rede de Trabalhadoras do Sexo da América Latina e Caribe (Redtrasex).

Os principais resultados que este relatório traz são os seguintes:

- A maioria das entrevistadas se viram obrigadas a seguir trabalhando, apesar das regras de quarentena, pois a maior parte delas são chefes de família, tendo a necessidade de gerar renda para seus lares.
- Para a maioria das entrevistadas, o trabalho sexual é a principal fonte de renda, cobrindo entre 50% e 100% das despesas domésticas.
- A forma de trabalhar mudou substancialmente para muitas profissionais do sexo na região da América Latina. Entre os



Acima: Entregando comida na Costa Rica.

aspectos mais significativos estão as mudanças nos locais e a formas de executar o trabalho sexual, além do tempo de dedicação e atenção aos novos protocolos de saúde instituídos em decorrência da pandemia.

- As trabalhadoras do sexo sofreram uma redução significativa no número de seus clientes e da sua renda. O impacto de tal redução foi muito significativo e, em muitos casos, as profissionais do sexo não conseguiram cobrir suas despesas básicas, tais como alimentação, serviços, aluguel e educação.
- As profissionais do sexo têm as ferramentas e estratégias necessárias para o combate à pandemia, em função de sua experiência anterior de resposta à pandemia de HIV. No entanto, a COVID19 tem prejudicado em parte tal capacidade de gerenciamento a prevenção do HIV, pois elas se viram com acesso limitado aos recursos de saúde sexual que normalmente possuem.
- A situação das profissionais do sexo no contexto de uma pandemia tende a piorar: a situação se agravou entre as duas fases da pesquisa (final de 2020 e início de 2021).
- A relação das profissionais do sexo com os serviços de saúde e as forças militares ou policiais mudou alguns aspectos não muito favoráveis para elas.

- Embora que as profissionais do sexo tenham conseguido obter determinados auxílios estatais, estes não têm sido suficientes ou constantes. Nesse sentido, organizações de profissionais do sexo em diversos países têm sido figuras-chave para o apoio na obtenção de cestas, produtos de higiene, dinheiro, entre outros.

Com o propósito de nos aprofundarmos na discussão dos principais resultados, este relatório foi dividido em três partes. A primeira trata-se de uma seção metodológica, na qual são expostos os detalhes metodológicos e específicos da pesquisa. Na segunda parte são apresentadas as características gerais da população pesquisada em termos de idade, gênero, origem étnica, nacionalidade, núcleo familiar e empregabilidade. Da mesma forma, são fornecidas informações importantes em relação às mudanças e impactos no trabalho sexual, saúde e violência de forças armadas e da polícia. A terceira parte apresenta os impactos que as organizações de trabalhadoras do sexo enfrentaram no contexto da pandemia, assim como a ajuda e as alianças mais relevantes, além de seus projetos futuros como organização política. Finalmente, o relatório apresenta suas conclusões gerais.

METODOLOGÍA

Antes de mais nada, as principais questões da investigação que motivou este estudo foram as seguintes:

- Quais são as experiências vividas pelas profissionais do sexo na América Latina frente a pandemia de COVID-19 e como elas estão respondendo a tais experiências?
- De que forma os sistemas de ajuda mútua das organizações de trabalhadoras do sexo se desenvolveram e mudaram no contexto da pandemia?

O processo da pesquisa para encontrar respostas a essas questões é composto de três fases: 1) Planejamento; 2) Aplicação em profundidade de pesquisas e entrevistas; 3) Sistematização e análise de resultados. Cada uma dessas fases é descrita abaixo:

1. PLANEJAMENTO

O presente projeto foi concebido durante uma série de encontros entre os pesquisadores e a Redtrasex, devido à necessidade melhor compreensão de como as profissionais do sexo viviam a pandemia da COVID-19. Por meio de um processo colaborativo desenvolveram-se os seguintes instrumentos de pesquisa: questionário e roteiro de entrevista de profundidade. A meta era atingir um número significativo de profissionais do sexo nos doze países participantes, incluindo Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Panamá, Paraguai, Peru e República Dominicana. Os líderes das organizações nacionais de cada país identificaram duas colegas trabalhadoras do sexo para realizar as pesquisas. Essas colegas receberam treinamento por meio de reuniões virtuais com a Redtrasex em técnicas de pesquisa qualitativa. Todos fizeram pesquisas em um ambiente controlado e receberam feedback sobre como melhorar seu trabalho.

2. APLICAÇÃO DE PESQUISAS E ENTREVISTAS DE APROFUNDAMENTO

Os pesquisadores fizeram uma primeira rodada de pesquisas, gravando as entrevistas em seus celulares e, em seguida, enviando os arquivos de áudio aos autores deste relatório. As estratégias de localização de profissionais do sexo para administrar as pesquisas variam de acordo com o contexto de cada país. Por exemplo, em Honduras, a organização nacional doou cestas de alimentos aos participantes. Em El Salvador, onde havia regras de quarentena muito rígidas, a equipe trabalhava aos domingos ou à noite. Em alguns países, as pesquisas foram feitas nas ruas e, segundo alguns depoimentos, o processo às vezes se complicava com a chegada da polícia. Uma colega nos contou que:

“
Na hora que estávamos fazendo a entrevista, a polícia chegava e falava: “Ah, tá! Então me ensina como se faz isso” e a gente respondesse ia parar na cadeia, né? Mas no final das contas eu continuava a pesquisar como se nada tivesse acontecido. Tem companheiras que quando chegava a patrulha... bem, a gente tem as camisinhas, aí explicávamos que estávamos fazendo prevenção, prevenção, nos pegávamos na prevenção com as camisinhas... então, enquanto a gente fazia o levantamento com as outras companheiras ... tínhamos de usar esta explicação para poder continuar com as pesquisas.”

(Entrevista, 1º de dezembro de 2020).



Após a primeira rodada de pesquisas, as autoras deste documento geraram um relatório preliminar descrevendo o processo de devolução às organizações participantes, após o que se reuniram para discutir o que havia sido feito no projeto até aquele momento. Além disso, aproveitaram para discutir a respeito de suas próprias experiências nas pesquisas, apresentar alguns resultados iniciais e planejar a segunda fase da investigação.

No intervalo entre as duas rodadas de pesquisa, as autoras do relatório conduziam entrevistas de aprofundamento com cada líder das organizações nos doze países pesquisados. Após a segunda rodada de pesquisas, as perguntas finais eram enviadas a cada líder nacional para garantir que os dados estivessem o mais atualizados possível. Também entrevistamos a secretária executiva da Redtrasex, Elena Reynaga, sobre o papel da Rede e seu apoio às organizações nacionais durante a pandemia.

3. SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

Ao final da coleta de informações, iniciamos o processo de sistematização das 494 pesquisas (264 na primeira fase e 230 na segunda fase) e 13 entrevistas de aprofundamento. Primeiramente, as pesquisas foram ouvidas e transcritas, em seguida, com o uso do Office Microsoft Excel, foi criado um banco de dados, possibilitando a obtenção de tendências estatísticas a respeito do total das pesquisas. Além disso, as entrevistas com as lideranças também foram transcritas para também serem analisadas, traçando citações importantes

sobre as experiências de mulheres profissionais do sexo durante a pandemia. A equipe de pesquisadoras conseguiu, assim, identificar os temas mais importantes dos dados coletados. Embora todas as pesquisas tenham recebido o mesmo roteiro de perguntas, a aplicação se deu de forma diversa e às vezes heterogênea. Por esse motivo, nossa análise se concentrou em obter os dados mais gerais e comparáveis entre os países. Enviamos a primeira versão deste relatório à Redtrasex para comentários, que incorporamos ao resultado.

REFLEXÕES SOBRE A COLABORAÇÃO TRANSNACIONAL E PESQUISAS DE SEUS PARES

O processo de fazer um projeto de pesquisa colaborativa e transnacional durante uma pandemia teve desafios significativos, mas foi muito enriquecedor. Por exemplo, as três pesquisadoras estão localizadas no Canadá, Costa Rica e Grã-Bretanha, e Redtrasex na Argentina; nesse sentido, a coordenação dos horários representou um grande desafio. A qualidade do serviço de internet nos doze países participantes variava consideravelmente. Além disso, as entrevistas com os líderes às vezes exigiam diversas ligações consecutivas a fim de se conseguir uma conexão estável. As entrevistadoras também relataram dificuldades no processo de aplicação das pesquisas no início do processo, sendo que algumas relataram estar nervosas, mas que, à medida que conduziam as pesquisas, o exercício se tornava mais fácil. Uma participante menciona que

“

Tinham algumas companheiras tímidas, mas depois foi a nossa vez de aprender ao longo desse percurso e buscar melhorar cada vez mais. Foi uma experiência boa e muito intensa. Algumas entrevistadas decidiram não participar ao chegarem para sua entrevista, alegando que à princípio havia aceitado participar da pesquisa, mas, no dia seguinte, desistiam com receio de que os resultados saíssem na grande mídia. Tínhamos então que explicar todo o processo para elas, explicando que nossa organização existe para as profissionais do sexo. Foi uma experiência muito boa, uma experiência tensa, mas muito boa.”

(Violeta, 1º de dezembro de 2020).

No final, a maioria das entrevistadoras nos disseram que participar do projeto foi uma experiência positiva e enriquecedora, pois adquiriram novos conhecimentos e novas habilidades; além disso, disseram que gostaram de poder apoiar o projeto e suas colegas trabalhadoras do sexo. As pesquisadoras mencionam que saíam fortalecidas com o processo da pesquisa, pois puderam entender melhor as necessidades de seus pares e, assim, ajudá-las de forma mais direcionada.

A PESQUISA EM SEUS RESPECTIVOS PAÍSES

Antes de descrever e analisar as informações das pesquisas, é aconselhável fornecer uma visão geral para permitir que os leitores do relatório avaliem a natureza das informações em sua medida adequada. O número de pesquisas aplicadas em cada um dos países varia, e vale a pena esclarecer que as pesquisas foram aplicadas em diferentes momentos em relação à pandemia e em contextos muito diferentes. Ou seja, deve-se levar em consideração a mesma pesquisa não foi aplicada em 2020 como em 2021, pois há um novo eixo de problematização analítica em termos de mudanças, continuidades ou transformações nas realidades dos respondentes. Assim, ao apresentar os dados, tentaremos fazer algumas considerações a esse respeito. Da mesma forma, a aplicação de uma pesquisa em local fechado, na rua ou eletronicamente não é a mesma; Cada um desses espaços é muito diferente e a interação entre o entrevistador e os entrevistados é muito heterogênea nos doze países.

À direita: foto
de graffiti de
rua - tirada por
“Umanoide”



CARACTERÍSTICAS GERAIS DA POPULAÇÃO PESQUISADA

Nesta seção apresentaremos as principais características da população de trabalhadoras do sexo pesquisadas. Como primeira conclusão destaca-se a heterogeneidade entre as participantes no tocante à faixa etária. Neste sentido, destaca-se o equilíbrio percentual, sendo em geral 33% das respondentes estando entre 30 e 39 anos, seguidas por 32% entre 20 e 29 anos e 31% acima de 40 anos, como se pode verificar na figura 2.

FIGURA 2

Porcentagem de profissionais do sexo pesquisadas por idade.

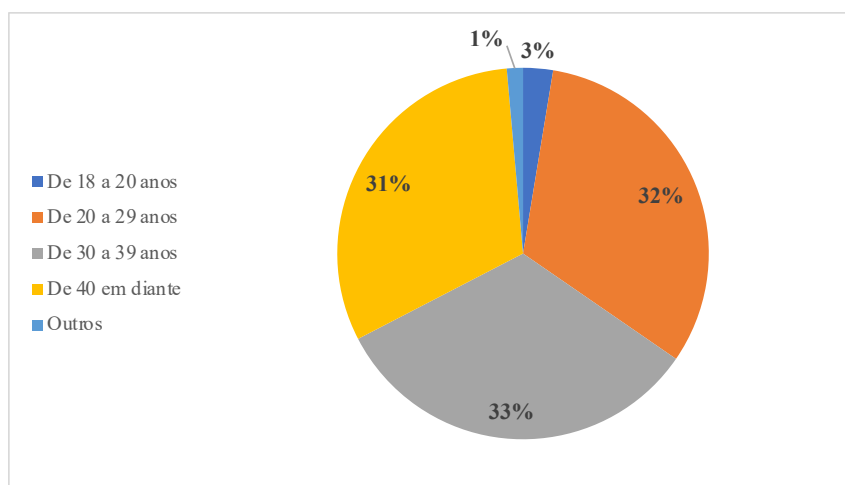


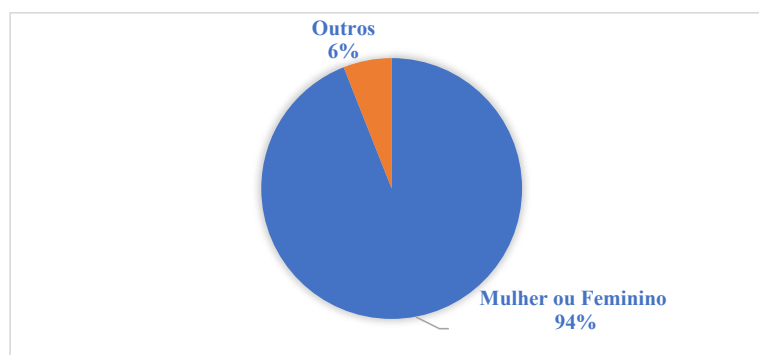
TABELA 1

Número de profissionais do sexo pesquisadas por origem étnica

Origem étnica	Absoluto	Relativo
Morena	131	28,6%
Mestiza	108	23,6%
Blanca	98	21,4%
Negra	33	7,2%
Ladina	25	5,5%
Outro	63	13,8%

FIGURA 3

Porcentagem de profissionais do sexo pesquisadas por gênero.



Além disso, em relação ao gênero das entrevistadas, 94%, identificam-se como mulher ou feminino. Em relação à etnia, de forma geral constatou-se que 28,6% se identificam como morenas, 23,6% como mestiças e 21,4% como brancas, como podemos ver na figura 3 e na Tabela 1, respectivamente.

Vale ressaltar que em relação à origem étnica das entrevistadas, aquelas que se auto identificaram especificamente como latinas eram todas da Guatemala. Além disso, aquelas que se autodenominam negras são de diversos países como Honduras, Brasil, República Dominicana e Panamá. Apenas em poucos casos as entrevistas chilenas, que também mencionaram que sua nacionalidade era equatoriana ou haitiana, se identificaram como “negras”.

Em relação ao que foi apresentado, é importante indicar a nacionalidade das respondentes. Na Tabela 2, podemos analisar os dados mais relevantes sobre este tópico específico.

Os valores da tabela 2 dependem do número de pesquisas aplicadas em cada país. Além disso, devemos destacar que a pesquisa em alguns países se caracterizaram mais no foco nas

TABELA 2		
Número de profissionais do sexo pesquisadas segundo a nacionalidade		
NACIONALIDADE	ABSOLUTO	RELATIVO
Hondurenha	61	12,7%
Nicaraguense	54	11,3%
Brasileira	46	9,6%
Paraguaia	46	9,6%
Salvadorenha	47	9,8%
Dominicana	44	9,2%
Colombiana	37	7,7%
Peruana	35	7,3%
Guatemalteca	29	6,0%
Costarriquense	24	5,0%
Panamenha	22	4,6%
Outro	35	7,3%

profissionais do sexo estrangeiras, que representam 13,8%, conforme pode ser observado na tabela 3.

TABELA 3		
Número de profissionais do sexo pesquisadas por status de imigração		
Status migratório	Absoluto	Relativo
Nacional	410	83,0%
Estrangeira	68	13,8%
Outro	2	0,4%

Os países nos quais constatou-se o maior número de profissionais do sexo entrevistadas estrangeiras são: Chile, Costa Rica, Guatemala e Panamá. Em relação a este último tópico, faz-se mister mencionar que em todos os países da região é muito provável haver profissionais do sexo estrangeiras, porém, por uma questão de acessibilidade e oportunidade na aplicação das entrevistas, alguns países tiveram percentuais maiores de estrangeiros em relação a outros. Este esclarecimento faz-se necessário para que se tornem visíveis determinadas condições particulares das profissionais do sexo na região.

FAMÍLIA, EMPREGABILIDADE E VIDA COTIDIANA

Destacamos agora as principais tendências analisadas durante a pesquisa entre profissionais do sexo em diferentes países da América Latina. Assim, analisamos os dados encontrados em relação ao núcleo familiar, a empregabilidade e as despesas com o trabalho sexual.

1. NÚCLEO FAMILIAR

Em ambas as fases da pesquisa, os núcleos familiares permaneceram quase os mesmos. As informações apresentadas são resultado de perguntas de múltipla escolha e, como pode ser observado na tabela quatro, 43,3% das entrevistadas afirmaram morar sozinhas e 40,9% afirmaram ter filhas ou filhos. Ressalta-se ainda que em algumas ocasiões observamos durante a pesquisa que as profissionais do sexo mencionaram morar sozinhas, mas também destacaram manter ou cuidar de seus filhas e filhos, seja no mesmo país de origem ou no exterior. Em menor proporção, 10,7% das pesquisadas afirmaram morar com o pai e / ou mãe e 9,9% afirmaram que moravam com um companheiro ou alguém com vínculo afetivo.

2. EMPREGABILIDADE NO NÚCLEO FAMILIAR E DESPESAS COM O TRABALHO SEXUAL

Os resultados da pesquisa mostram que 34% das mulheres entrevistadas trabalham em seu núcleo familiar, enquanto 17,4% afirmam outras pessoas também trabalham em sua família. A partir dos dados encontrados destaca-se que os núcleos familiares onde apenas a entrevistada trabalha, 62,1% delas cobrem o total ou pelo menos mais da metade das despesas domésticas. Da mesma forma, nos casos em que a entrevistada e uma ou mais pessoas trabalham, 12,9% delas cobrem a totalidade ou mais da metade das despesas domésticas e 17,2% são responsáveis pela metade das despesas domésticas. Informações mais detalhadas podem ser verificadas na figura 4.

Com essas informações, verifica-se que as profissionais do sexo pesquisadas desempenham papel preponderante em termos de empregabilidade assim como no custeio das despesas domésticas por meio do trabalho sexual, independente de morarem sozinhas ou com outra pessoa.

3. LOCAL DE TRABALHO PRÉ-PANDÊMICO

Para fins de conclusão da seção sobre as características da população pesquisada entre as profissionais do sexo, é

TABLA 4

Trabalhadoras do sexo entrevistadas segundo a composição de seu núcleo familiar.

Núcleo familiar	Absoluto	Relativo
Mora sozinha	214	43,3%
Mora com filhas/filhos	202	40,9%
Mora com pai/mãe	53	10,7%
Mora com com parceiro/a	49	9,9%
Outro	72	14,6%

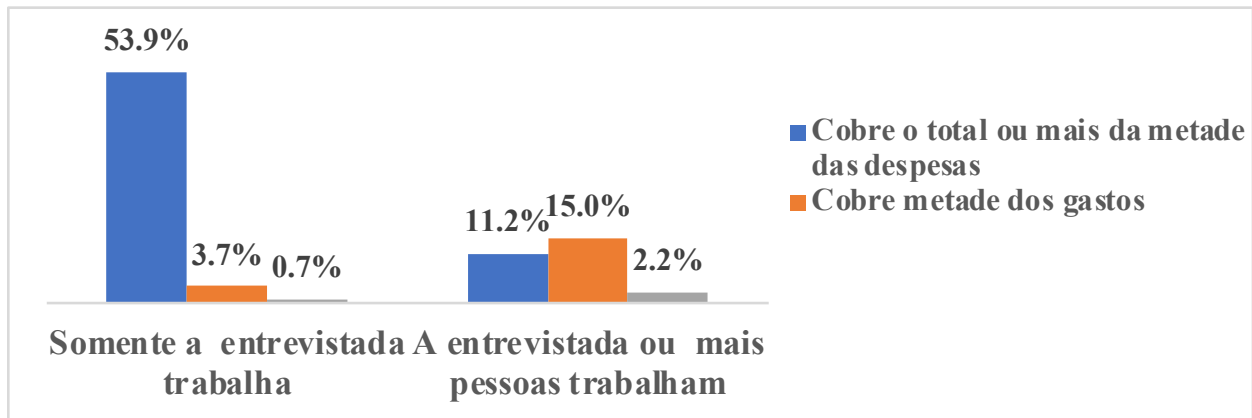


FIGURA 4

Percentual de profissionais do sexo pesquisadas de acordo com a empregabilidade do núcleo familiar e despesas domésticas

importante notar que a realidade pandêmica fez com que as condições de trabalho em geral mudassem de forma substancial, e podemos comprovar isto por meio das respostas das entrevistadas, comparando seus locais de trabalho antes da pandemia e os impactos que sofreram com a COVID-19. Na tabela 5 apresentamos os principais locais de trabalho, entre os quais se destacam os espaços fechados, tais como bar, hotel, Spa, boate, casa de encontros, casa de massagens etc. com 35,6%. No entanto, também há um percentual de profissionais do sexo que realizam seu trabalho em locais públicos, como na rua, no parque ou na praça, formando 34,6% do total.

Somente com a base de dados da tabela 5 não seria possível encontrar uma tendência clara entre o trabalho sexual em espaços públicos e privados. Portanto, só seria possível afirmar que as profissionais do sexo que trabalham sobretudo por telefone (ligações) e pela Internet são minoria.

TABLA 5		
Cantidad de trabajadoras sexuales encuestadas según el lugar de trabajo previo a la pandemia		
Lugar de trabalho	Absoluto	Relativo
Pontos comerciais em lugar fechado	176	35,6%
Rua, parque ou praça	171	34,6%
Casa e/ou apartamento	57	11,5%
Telefone e Internet	35	7,1%
Outros	50	10,1%
Não trabalha	1	0,2%

MUDANÇAS E IMPACTOS COM A PANDEMIA

Após uma análise geral das condições familiares, empregabilidade, despesas e locais de trabalho, esta seção apresenta as principais mudanças e impactos que as profissionais do sexo sentiram como resultado da pandemia. É importante saber que foram feitas perguntas abertas sobre o impacto da pandemia, uma vez que uma investigação a respeito da exposição à pandemia, deve trazer perguntas com possibilidades de múltiplas respostas. A seguir, a tabela 6 mostra as principais mudanças e impactos apontados pelas entrevistadas.

Na tabela 6 há pelo menos três elementos importantes a serem destacados. Como se percebe, a diminuição da renda e do tempo dedicado ao trabalho sexual afetaram consideravelmente tanto as entrevistadas na primeira como na segunda fase da pesquisa. Isto significa que, apesar das diferenças no número de pessoas pesquisadas nos diversos países, é possível concluir de forma geral que o impacto teve intensidades similares. Este impacto independente do momento da pandemia e do país onde as pessoas estão; além disso, tudo isto está diretamente relacionado às medidas sanitárias que cada país da região latino-americana tomou. A este respeito, um entrevistado do Paraguai explica que

TABELA 6

Porcentagem de respostas de profissionais do sexo na primeira e segunda fase da pesquisa de acordo com mudanças e impactos devido à pandemia.

Mudanças e Impactos	Primeira fase	Segunda fase
Diminuição da receita econômica	42,0%	54,8%
Diminuição da quantidade de horas de trabalho sexual ou desemprego	38,3%	40,0%
Diminuição da quantidade de clientes	28,4%	30,0%
Impossibilidade de manter serviços básicos, alimentação, renda ou outros	25,4%	30,9%
Mudança de lugar, forma ou de trabalho	22,0%	31,3%
Enfrentamento de medo de contágio e rejeição	9,5%	8,7%
Pedido de empréstimos ou dívidas; gastos de reservas de poupança	7,2%	5,2%
Observação de protocolos sanitário	2,7%	6,1%
Sem alterações ou impactos da pandemia	1,1%	1,7%
Outro	3,8%	2,6%

“
A verdade é que eu parei de trabalhar por um tempo. Nos primeiros dias, eu parei, pois, tinha medo e respeitava as regras propostas pelo governo. Mas depois tive de voltar [a trabalhar] pela necessidade do próprio trabalho: tive que trabalhar de uma forma ou de outra [...] eu gastei tudo que eu tinha economizado e então eu tive de recomeçar e [o impacto] foi grande.”

(Entrevistada 20, Paraguai).

O segundo elemento a destacar é que, seguida da diminuição do número de clientes, da renda e do tempo dedicado ao trabalho sexual, houve muitas vezes a impossibilidade de pagar os serviços básicos tais como alimentação e aluguel. Isso tudo, aliado às mudanças de local e da forma de trabalho, impactou bastante as profissionais do sexo. Além disso, isso tudo não deixa de ter relação com as elevadas taxas de desemprego em geral e com as medidas tomadas em cada um dos países da América Latina. A mudança no trabalho do sexo pela internet ou a busca por alternativas de trabalho são situações que nos contam Santuzza Alves de Souza, dirigente da entidade no Brasil e Azucena Rodríguez, dirigente sindical do Peru.

“
O número de mulheres que começaram a trabalhar com a internet cresceu muito, vendendo fotos e tudo mais. Mas para fazer esse tipo de trabalho é preciso ter internet, certo? Com boa velocidade. Tem que ter um espaço em casa, privado ... para poder trabalhar. E com a pandemia, muitos não conseguiram nem pagar pela Internet. As mulheres mais velhas são sempre as mais afetadas. Além da diminuição do trabalho, o número de pessoas dependentes também aumentou.”

(Santuzza Alves de Souza, entrevista, 21 de dezembro 2020).

“
Muitas [trabalhadoras do sexo] têm saído às ruas para vender máscaras, para vender álcool, para vender máscaras, muitos fazem isso porque esse é o pequeno negócio, porque, naquele momento desse, daquele, daquele momento de loqueria, daquele era o pequeno negócio.”

(Azucena Rodríguez, entrevista, 7 de dezembro 2020).

Os depoimentos das entrevistadas indicam também que as condições críticas vividas no trabalho sexual pela pandemia já se arrastam há muito tempo, devido ao desemprego, à situação econômica e política de alguns países latino-americanos. No caso do Brasil, Santuzza afirma que:

“
Já havia menos clientes desde antes da pandemia, graças à situação política e econômica do Brasil. Tivemos muito desemprego e com a pandemia é pior. Muitas lojas já haviam fechado antes da pandemia, mas o trabalho continua. Muitos companheiros foram para a rua.”

(Santuzza Alves de Souza, entrevista, 21 de dezembro 2020).

Por fim, o terceiro elemento relevante a ser observado na tabela 6 é que existem algumas mudanças e impactos que não parecem ser tão representativos em termos de dados estatísticos. Porém, ao longo das pesquisas e entrevistas de aprofundamento, pode-se perceber que tais mudanças marcam a vida das pessoas e transformam seu cotidiano. A prova disso é o fato de que muitas entrevistadas criaram estratégias para lidar com o medo do contágio e com endividamento, além da atenção aos protocolos de saúde, a solicitação de empréstimos ou gastos com poupança pessoal complicam ainda mais o panorama das profissionais do sexo. O testemunho de um dos entrevistados na República Dominicana resume amplamente as dificuldades que as pessoas enfrentam e seu profundo desejo de que a pandemia acabe:

“
Espero que essa pandemia acabe agora porque nós, trabalhadoras do sexo, vivemos de nosso corpo, então é muito difícil para nós irmos a outros lugares, pois os homens têm medo de nós, têm medo do HIV, então não querem se expor. Você tem que ficar trancado em sua casa ou no lugar onde você se prostitui, depende dos lugares e eles estão fechados, então você tem que arriscar mais a sua vida, você corre riscos e é por isso que eu quero que esta pandemia acabe.”

(Entrevistada 7, República Dominicana).

MEDIDAS DE PREVENÇÃO PARA AS DUAS PANDEMIAS: COVID-19 E HIV

As restrições quanto à mobilidade na pandemia afetaram a possibilidade de trabalho e, conseqüentemente, a renda das mulheres trabalhadoras do sexo: paralisação do transporte público (El Salvador), proibição de viagens (que era um problema para as mulheres que trabalham na Guatemala em municípios onde não moravam e não podiam voltar para suas famílias), estabelecimentos fechados (em quase todos os países), o que implicava em mais mulheres em busca de clientes nas ruas.

A conformidade com o protocolo de saúde para a prevenção da COVID-19 é outro dos principais aspectos que foram levados em consideração pelas profissionais do sexo. Embora no que se refere ao HIV estas mulheres tenham tido de criar estratégias para o uso do preservativo e negociação com seus clientes, neste novo contexto de pandemia surgem outras medidas a serem incorporadas. O que se traduz na necessidade de utilizar mais materiais de trabalho: máscara, álcool em gel, desinfetante, sabonete etc. Uma das entrevistadas no Panamá destaca que:

“ Os clientes sabem, meu amor. Sabem o que eles vão fazer lá, e que não podem tirar a máscara. A gente manda eles lavarem as mãos, passar álcool e quanto a isso eles são muito bem esclarecidos .”

(Entrevistada #11, Panamá).



Acima: Distribuindo ajuda.

Algumas organizações de profissionais do sexo também produziram material informativo para compartilhar com suas parceiras e criar campanhas de prevenção. Nesse sentido, a figura 5 mostra a recomendação de praticar a relação sexual na “posição de cachorrinho”.

FIGURA 5

Folheto de prevenção contra o Coronavírus em trabalho sexual.
Fonte: UNES, 2020.



Além disso, nas falas de algumas entrevistadas na Guatemala, Paraguai e El Salvador, por exemplo, é possível perceber como elas lidam com a prevenção de duas pandemias distintas, assim como as percepções neste sentido.

“
Ahora que no me estoy afligiendo de cómo infectarme del VIH, sino de cómo infectarme del Covid.
”

(Entrevistada 15, Guatemala).

“
Se lavar, tomar banho antes e desinfetar todo o corpo com álcool.
”

(Entrevistada 13, Paraguai).

“
Bem, até agora eu não fiquei doente [de COVID], quatro meses se passaram, graças a Deus. Isso quer dizer que sim, [a prevenção] ou então não veio um [cliente] doente, haha, um desses dois, né?
”

(Entrevistado 4, El Salvador).

Uma entrevistada do Panamá resume assim:

“
ele cuida de si mesmo e eu cuido de mim.
”

(Encuestada 3, Panamá).

Como se verá mais adiante neste relatório, diante das mudanças e novas necessidades das profissionais do sexo, as organizações do Redtrasex têm se mobilizado para fornecer informações (como já visto), mas também para fornecer preservativos, lubrificantes e exames na assistência da saúde reprodutiva. Da mesma forma, elas têm se preocupado em fornecer máscaras, álcool em gel e sabonete para a prevenção contra a COVID-19.

À direita: foto
de graffiti de
rua - tirada por
“Mana5280”



VIOLÊNCIA E SAÚDE

Nesta seção serão apresentados os principais resultados estatísticos das pesquisas relativas à violência das forças armadas e policial, assim como a necessidade de assistência aos serviços de saúde durante a pandemia. Como na seção anterior, depoimentos das pesquisadas e entrevistadas complementam as informações.

1. VIOLÊNCIA DAS FORÇAS ARMADAS E POLICIAIS

As profissionais do sexo na América Latina sofrem violência de todos os tipos há décadas, como mostram vários estudos da Redtrasex (REDTRASEX, 2018, 2016, 2015). Algumas entrevistadas afirmaram não ter sofrido violência, pois não estiveram nas ruas devido às medidas de saúde pública em seus países. No entanto, para as profissionais do sexo que tiveram de sair para continuar a exercer seu trabalho, a violência das forças armadas ou policiais se agravou devido aos rígidos controles sanitários que vêm sendo realizados em diferentes países. Com isso, incentiva-se o surgimento de novas justificativas para o abuso de poder e maus-tratos às trabalhadoras do sexo, estejam elas nas ruas ou em seus estabelecimentos. Nesse sentido, mulheres entrevistadas no Paraguai e no Panamá nos contam sobre suas experiências em relação à violência policial:

“ [A polícia] costuma incomodar um pouco [...] umas três vezes, mais ou menos [...] no início da quarentena, sim, usavam força bruta e entravam no local, sem autorização, sem autorização nenhuma [eles diziam] que era proibido fazer o que fazíamos na quarentena, pois estávamos abrindo as instalações e eles nos empurraram e entraram para verificar se tinha alguém, sem permissão. ”

(Entrevistada 6, Paraguai).

“ O único problema que tive com a polícia foi o horário de saída, ou seja, eles querem tirar dinheiro de você, dizem que existe uma multa de 500 e 1000 dólares, mas que por sorte você pode dar 30, 20 dólares e aí você pode trabalhar daqui a pouco tempo lá [se der o dinheiro] e não é que seja assim [que funciona], exatamente. ”

(Entrevistada 3, Panamá).

Entre os países mais críticos em termos de violência policial estão Chile, Colômbia e Honduras. No Chile, a líder da organização de profissionais do sexo, Herminda González, explica:

“ No Chile, vimos várias ações repressivas, como batidas policiais em locais de trabalho sexual, operações muitas vezes expostas na televisão, junto com a perseguição direta da polícia contra profissionais do sexo que fazem contatos nas ruas. As trabalhadoras sexuais migrantes de cor sofrem discriminação especial, cruzando a discriminação com o racismo e a xenofobia. De dezembro de 2020 até hoje, a situação se agravou no que diz respeito às limitações, repressão policial às trabalhadoras do sexo e, principalmente, à crescente falta de trabalho e de renda econômica. Não há emprego, não há clientes, não há renda. ”

(Herminda González, entrevistada em 9 de dezembro de 2020).

Apenas relacionado ao exposto, uma entrevistada estrangeira, de origem dominicana e que se identifica como morena, expôs uma de suas experiências de violência policial no Chile. Ela nos conta que:

“

Me prenderam, a PTI [polícia... me levaram a mim e a uma colega minha [...] me tiraram da minha casa, entraram no meu apartamento, me levaram para a cadeia e me obrigaram a assinar [um documento], bateram muito na minha amiga porque o marido dela proibiu a polícia de entrar no apartamento dela, porque a gente sabe que tem que ter mandado... e como a gente disse isso, eles bateram muito nele e levaram a gente presa [...] No meu caso, meus documentos estão errados, porque o advogado que os fez, os falsificou... agora estou ferrada... e o que não quero é que me expulsem daqui [...] ser deportada por isso, porque me fizeram assinar isso agora.

(Entrevistada 4, Chile).

Outro relato importante no Chile aponta para condutas inapropriadas no que tange a detenção assim como discriminação e violência contra as profissionais do sexo, não só por parte de homens, mas também por mulheres que fazem parte das forças policiais. Nas palavras da participante:

“

O tratamento, o tratamento é super humilhante, tanto policial quanto o militar, é super humilhante, e infelizmente, você sabe, né? Não é tão humilhante quando é um policial, como é humilhante quando é uma policial [feminina], o tratamento delas é super humilhante, é super humilhante, 90% do vocabulário que ela usa com você é super indigno, é só xingamento, xingamento, xingamento, xingamento, xingamento e você tenta explicar o que faz, a necessidade que você tem em fazê-lo e por que você o faz... mas mesmo assim, não, não...elas não têm consideração [...] tipo assim, elas sempre botam a gente dentro de um camburão e nesse camburão, a única coisa que têm lá dentro... é tipo uma jaula que elas nos botam para não ter que levar a gente pra dentro do quartel. Elas te deixam lá nessa jaula, que é um espaço tipo 3x5. Lá dentro ficam 20 de nós. Sim, porque quando elas me botaram lá éramos... eram 5 policiais e 10 de nós. De repente já eram 15 dentro do camburão. Eu expliquei para a policial que pelo protocolo da COVID não poderíamos estar em mais de 5 pessoas dentro de um espaço fechado... e a resposta dela foi: “e como você faz para trabalhar, então? Ou seja, você tem medo de se expor aqui, mas não tem medo de se expor na rua”, na rua é diferente porque a rua é um lugar aberto, estamos falando de um lugar fechado. Portanto, elas também não tá nem aí para o protocolo .

(Entrevistada 11, Chile).

Na Colômbia, a dirigente sindical Fidelia Suárez também cita a violência sofrida por profissionais do sexo naquele país, tanto em locais públicos como fechados. Ela afirma que:

“

Nós sofremos perseguições muito fortes, porque [a polícia] não quer nos ver paradas nas ruas, não querem nos ver nos parques, bem, eles não querem ver a gente! Têm estabelecimentos onde as colegas tinham que ficar lá, elas não podiam se voltar para seus apartamentos ou ficar com suas famílias .

(Fidelia Suárez, entrevista, 8 de dezembro de 2020).

O que foi indicado por Fidelia para o caso da Colômbia também se aplica a outros países, como no caso de Honduras. Como pode ser verificado nos dois depoimentos apresentados a seguir, o cotidiano de algumas profissionais do sexo e as estratégias de “esconder-se” em horários e espaços restritos é um pouco mais claro. Da mesma forma, o abuso de autoridade por parte da polícia pode ser identificado:

“

Bom, a verdade é que a gente tinha que ficar se escondendo, porque as vezes do nada aparecia a polícia e a gente tinha que se esconder para que não vissem a gente, porque senão, nos levavam presas[...] só por estar caminhando na rua depois das cinco da tarde ou oito da noite. Eles não deixavam a gente andar na rua... então, se a gente ficasse andando pela rua ou não se desse conta da hora, ou então tinha que estar [na rua] às vezes por necessidade, às vezes ficava um pouco mais tarde, e a gente tinha que esconder pra trazer alguma coisa pra casa

(Entrevistada. 8, Honduras).

“

Às vezes tem violência policial porque, olha, quando a gente tá trabalhando e tá... quando [a gente] vai fazer alguma coisa lá na praça, a polícia sempre chega logo esculachando e não deixar a gente trabalhar...tipo, quando sempre dão batida não deixam a gente trabalhar, tem algum evento, tipo com o presidente, logo de manhã [eles] começam a patrulhar e aí ficam na cola da gente e não deixam a gente trabalhar. Às vezes até brigamos com eles [...] eu falo: “Sai daqui, tu tá atrasando nosso lado”, “A rua é livre”, e eles respondem, “aqui, se a gente quiser que vocês saiam, vocês saem”, é o que falam pra gente.

(Entrevistada 2).

Para a secretária executiva da Redtrasex, Elena Reynaga, o sigilo do trabalho sexual é um terreno fértil para abusos de autoridade por parte das forças policiais. Nesse aspecto, segundo Elena, violência no atual contexto de pandemia é agravada:

“
Tendo em vista toda a ilegalidade à qual já somos expostas que nos exclui de qualquer sistema formal, qualquer política pública nos empurra para a clandestinidade. Com a pandemia – antes dela já vínhamos observando isso -mas como uma pandemia isto está muito claro. [...] É muito claro o quanto a polícia tira vantagem da gente, a gente até tem conseguido um monte de coisas, tipo, montando escritórios e tal..., mas as leis são feitas para que não possamos ir para as ruas, sob pena de sermos importunadas pela polícia. ser formados para que você não possa ir à rua Fez com a polícia a virar [...] O que a polícia fez neste ano meio, dois anos de pandemia, olha, não sei, às vezes até vemos acontecer no Afeganistão, como se diz agora... mas também aqui na América Latina a polícia estupra, viola, o que for... a violência institucional foi ainda mais exacerbada durante essa pandemia.”

(Elena Reynaga, entrevistada em 18 de agosto de 2021).

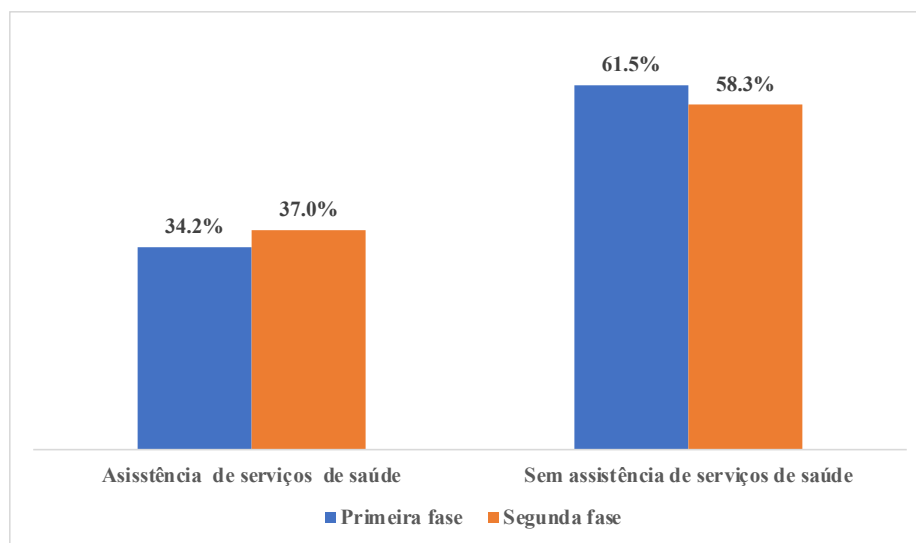
2. SAÚDE

Em relação à saúde, boa parte dos 90% das profissionais do sexo entrevistadas afirmaram que durante a pandemia não frequentaram os serviços de saúde (públicos ou privados). Ao diferenciar entre a primeira e a segunda fase da pesquisa, percebe-se que os percentuais não se alteram consideravelmente e, neste sentido, durante a primeira fase da pesquisa a porcentagem das entrevistadas que compareceram aos serviços de saúde variou entre 34% e 38 %, ao passo que na segunda fase da pesquisa, as entrevistadas que não compareceram aos serviços de saúde representaram entre 66% e 62%. A figura 6 mostra estas porcentagens de forma mais detalhada.

Além do que pode ser visto na figura 6, muitas entrevistadas relataram que o sistema de saúde em seu país esteve focado no atendimento à emergência de COVID-19, deixando de lado muitos outros problemas de saúde. As entrevistadas mencionam

FIGURA 6

Porcentagem de profissionais do sexo entrevistadas ao longo da primeira e segunda fases da pesquisa de acordo com o atendimento dos serviços de saúde durante a pandemia.



ainda a falta de medicamentos ou recursos, além da espera por atendimento. As histórias a seguir falam por si:

“
Eles não são atendidos na hora, têm de esperar, não tem remédio,
tem que comprar, e daí o dinheiro não dá para comprar remédio .
(Entrevistada 20, Paraguai).

“
Já quiseram ir [as companheiras], mas não vão, pois, as vezes dizem para elas que não há remédio, que supostamente não estão vindo, não estão chegando. Então pra que essa gente toda vai lá, se não tem remédio?
(Entrevistada 12).

“
Bom, no começo foi uma restrição severa, tinha que ficar do lado de fora, no mesmo posto de saúde, mas do lado de fora. Eu mantinha distância de geral, mas durava um tempão, para emergências, para me atender, em um posto de saúde. Agora as coisas estão mais fáceis porque enquanto a COVID vai melhorando, a orientação para a comunidade vai acontecendo, na junta comunitária e de saúde, sabe qual é? A informação vem, a gente fica mais informada.
(Entrevistada 7, República Dominicana).

“
Eu soube de alguns colegas que adoeceram com esse vírus, a COVID, sim [...] Bom, pelo menos foi o que me falaram, ultimamente não temos nos falado, então elas foram tratadas, né? Mas tipo assim... não foram para o hospital, foram tratadas com remédio, ou seja, em casa [...] isso porque não tem leito de UT, até hoje, é horrível isso aqui no Peru, isso da COVID tá horrível, real .
(Entrevistada 3, Peru).

Elena Reynaga e a dirigente sindical Samantha Carrillo destacam o impacto que tem sido vivido na questão da saúde. Apesar de que ações importantes tenham sido tomadas antes da pandemia, ainda há muito a ser feito. Porém, em função da própria pandemia este esforço teve que ser diminuído, e isto acaba por parecer as coisas agora estão “piores” do que antes, ao menos em termos dos cuidados essenciais para com as profissionais do sexo. Elena e Samantha afirmam que:

“
Fecharam todos os postos de saúde, não havia distribuição de preservativo, sacou? Não havia atenção básica, não havia atendimento porque tudo voltava para a questão da COVID, portanto, os acompanhantes pararam de frequentar, portanto, a violência doméstica também foi exacerbada.
(Elena Reynaga, entrevistada em 18 de agosto de 2021).

“
Isso teve um impacto muito forte na saúde. Antes tínhamos cuidados de saúde que não eram nada do outro mundo, nada deslumbrante, mas agora tá pior. As clínicas de profilaxia estão fechadas, não temos acesso a preservativos, não temos acesso aos lubrificantes no sistema de saúde. Não há acesso aos testes anti-HIV e todos os postos de saúde fecharam.
(Samantha Carrillo, entrevistada em 30 de novembro de 2020).

As deficiências e limitações do sistema de saúde também estão presentes em outros contextos. Algumas lideranças como Azucena Rodríguez expressam as particularidades de seus países, porém, percebe-se a preocupação de ambas em suprir tais deficiências e limitações, buscar soluções e buscar na medida do possível o bem-estar de suas companheiras profissionais do sexo.

“
Estamos trabalhando muito com as companheiras positivas porque eles reformularam os hospitais para atender os casos da COVID. Transferiram os pacientes soropositivos para um posto de saúde, mas quando nossas companheiras iam receber a medicação anti-HIV, eles não achavam o prontuário nem as atendiam. Nossas companheiras passaram por isso por quase nove meses. Algumas acabavam recaindo, outras adoeceram e, por causa do medo, não iam aos centros de saúde, muito menos hospitais. Em fevereiro, fui a uma reunião com o Ministério da Saúde e discutimos a situação. Foi lá que coordenamos e nos indicaram um médico que nos atende aqui na capital. Elas já estão tomando remédios já estão em tratamento, mas com a coordenação direta feita entre a organização e este posto de saúde.”

(Líder sindical, entrevista, 1º de dezembro de 2021).

“
Toda vez que eu tenho camisinha, eu acabo saio para distribuir, porque lá nos postos de saúde onde eles sempre fazem o check-up médico mensal todo mês eles davam uma caixa de camisinha, mas agora esses postos estão fechados. Se não tem prevenção, não tem camisinha, então as meninas têm que dar seu jeito na farmácia, mas se estão sem dinheiro como vão comprar camisinha? O jeito é estar sempre distribuindo, né? Sim, porque temos que ter alguma forma de apoiá-las. Eu saio para distribuir preservativos, máscaras, comida, todas essas coisas.”

(Azucena Rodríguez, entrevistada em 7 de dezembro de 2020).

Para encerrar esta seção, é imprescindível reconhecer que não apenas as forças armadas e policiais discriminam as profissionais do sexo, mas o mesmo ocorre no sistema de saúde. Dois depoimentos são fundamentais para exemplificar esta discriminação de duas maneiras: a que usa a COVID-19 como justificativa para não se aproximarem ou ter contato com as profissionais do sexo e, portanto, manter distância; a outra trata-se do estereótipo associado à falta de higiene entre as trabalhadoras do sexo. Essas entrevistadas nos dizem que:

“
O serviço de saúde é fraquinho, porque eu queria ser examinada uma vez porque senti que estava com uma infecção e eles não quiseram nem me tocar por causa da COVID [...] eles falaram que não podiam me tocar, e aí o médico me disse: 'você sabe como é essa pandemia agora, então não podemos te tocar, mas me conta o que você está sentindo'. Então eu disse que eu disse na lata para ele: 'estou sentindo uma pequena infecção nas minhas partes íntimas', ele não deu a mínima para mim, e disse que eu tinha que tomar acetaminofem [Paracetamol no Brasil, nota do tradutor. Ele nem deu nenhum remédio. para a infecção, Na real, ele estava nem aí.”
(Entrevistada 8, Honduras).

“ Bem, eu tô fora, não sei das minhas outras companheiras. A última vez que fui, eles não cuidaram bem de mim. Tipo... não sei se pode falar sobre o que uma amiga minha me contou, mas, ela me falou que não volta mais lá, porque ela me falou: “olha só o que uma enfermeira estava falando para a outra” Cara, sem noção! A enfermeira falou para outra, que a minha amiga tinha as partes pretas e que era toda peluda, se você tivesse visto, mulher mais suja!”, isso enfermeira que disse paa a outra. E no posto que tinha lá no meu bairro, outro dia umas enfermeiras estavam comentando entre elas: “devem ser aquelas mulheres da vida, que não se lavam”, essas [...] enfermeiras ficavam falando sobre a gente, mas ela é mulher e ela não sabe amanhã vai ser ela, ela ou suas filhas [...] tanto faz se for homem ou mulher, mas nunca deve falar de uma mulher, nem uma mulher de outra porque somos todas mulheres e todas se conhecem. Cada uma sabe onde seu calo aperta.”

(Entrevistada 2).

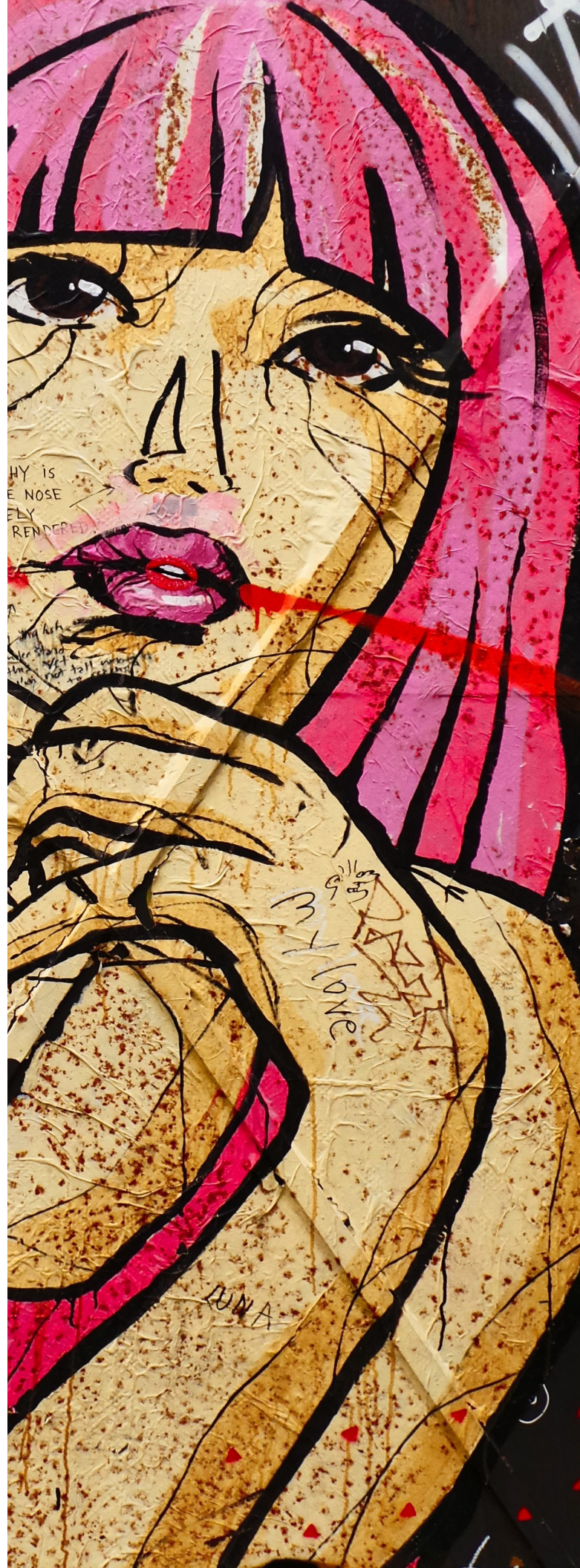
O peso da discriminação e do estigma é uma questão que as profissionais do sexo têm em mente e que, por vezes, criam estratégias de acesso aos serviços de saúde sem serem rejeitadas pelos funcionários públicos. Na Costa Rica, por exemplo, uma das entrevistadas menciona que não revela sua profissão de profissional do sexo.

“ Sim, claro, já fui ao posto de saúde me examinar e tudo mais e me trataram [...] Bom, eu não digo que sou profissional do sexo, digo que sou uma usuária da previdência como qualquer outra .”

(Entrevistada 17, Costa Rica).

Em todos os casos aqui expostos, é possível constatar que há continuidades e certas transformações nas formas de discriminação contra as profissionais do sexo. É muito importante estarmos atentos a estas formas de discriminação para que possamos pensar em cenários nos quais, de imediato ou não, seja possível trabalhar em processos de sensibilização, seja na área da segurança pública ou da saúde.

À direita: foto de graffiti de rua - tirada por Sean Robertson





Acima: foto de graffiti de rua levado por Annie Spratt

RELAÇÃO COM O ESTADO

Ao longo das entrevistas, foi particularmente importante que se perguntasse a respeito da relação das profissionais do sexo com o Estado e a ajuda que elas puderam receber antes e durante a pandemia em seus respectivos países. Na tabela 8 é possível verificar que, de forma geral, antes da pandemia entre 86,7% e 93,9% das entrevistadas não recebiam ajuda ou apoio do Estado. Esta situação muda substancialmente durante a pandemia. Como se pode observar na tabela 7, entre 35,2% e 43% das profissionais do sexo receberam ajuda do Estado no início da pandemia.

No entanto, o auxílio estatal que as trabalhadoras do sexo receberam é revertido sobretudo em alimentos ou cestas básicas e, em certas ocasiões, em vale-refeição (chamado de 'food stamps' na América do Norte). Ressalte-se que esta ajuda não foi recebida por elas na condição de profissionais do sexo, mas sim por encontrarem-se nas regiões nas quais cestas básicas são distribuídas ou então porque são chefes de família. Nenhum governo desenvolveu políticas públicas de ajuda a profissionais do sexo.

TABELA 7

Porcentagem de respostas das profissionais do sexo na primeira e segunda fase da investigação de acordo com o auxílio estatal recebido antes e durante a pandemia

AJUDA DO ESTADO	PRIMEIRA FASE		SEGUNDA FASE	
	SIM	NÃO	SIM	NÃO
Antes da pandemia	8,0%	86,7%	3,5%	93,9%
Durante a pandemia	35,2%	53,0%	43,0%	50,4%

As entrevistadas reconhecem que tal auxílio estatal, em muitas ocasiões seja de cunho assistencialista, insuficiente ou irregular ao longo do tempo do benefício. Em outras palavras, apesar de elas terem recebido cestas básicas e benefícios financeiros, mesmo que tenha sido por uma única vez ou somente no início da pandemia, este apoio acabava desaparecendo ou se tornando insuficiente. Em relação ao caso peruano, Azucena menciona que:

“
Pensamos que também íamos ser lembradas quando começaram a falar de benefícios de ajuda durante a pandemia, mas o governo deu as costas para nós, nunca houve benefícios para a gente, uma cesta básica que fosse, nunca houve nada, nada, nada, nada.”

(Azucena Rodríguez, entrevistada em 7 de dezembro de 2020).

No Paraguai, a líder Lucy Esquivel faz uma crítica ao Estado no tocante às profissionais do sexo. O desagravo se dá em relação à visão estatal assistencialista, discriminatória e até mesmo paradoxal no atendimento durante a pandemia e às necessidades desta população. Nas palavras de Lucy:

“
Nós não existimos nem para o estado, nem para o governo. Nosso trabalho não é crime no meu país, mas só existimos para epidemiologia, existimos quando temos que votar, mas para outra coisa, em outras situações, não, a gente não existe. E isso dificultou muito mais agora, até porque as restrições importas pelo governo eram de “ficar em casa”. E para as profissionais do sexo, ficar em casa significa não pagar aluguel, não pagar comida e não pagar por outros serviços que você tem em casa. Então, é verdade, as companheiras tiveram que sair para trabalhar e isso gerou violência institucional e a polícia as perseguiu. Então nós, além do medo, além de todas as coisas, ainda saíamos às ruas e íamos socorrer os nossos pares, procurando uma forma de estar ao lado das nossas companheiras.”

(Lucy Esquivel, entrevistada em 7 de dezembro de 2020).

O que foi afirmado por Lucy coincide em boa parte com a situação das profissionais do sexo na região da América Latina. Se por um lado, as restrições governamentais de prevenção contra a COVID-19 diziam respeito ao distanciamento social (tais como

“ficar em casa”, toques de recolher, quarentena, fechamento do comércio e restrições à mobilidade da população), por outro fica claro que o auxílio ou apoio estatal era distribuído de maneira desigual. Diante deste panorama e da necessidade de trabalhar para gerar renda, as trabalhadoras se deparam com mecanismos de repressão e coesão do próprio Estado, que pudemos demonstrar na seção anterior deste relatório.

Como o trabalho do sexo não é reconhecido como participante da força de trabalho regular na região, as profissionais do sexo são automaticamente excluídas de toda assistência formal do Estado, destinada a trabalhadoras formais e até informais. É claro que neste contexto os dirigentes das organizações de trabalhadoras do sexo desempenham um papel de destaque, pois detectam e atuam muito rapidamente com o objetivo de suprir as necessidades e serviços básicos que o Estado não alcança.

Santuzza menciona que:

“
A disponibilização de insumos para que realizassem o trabalho da forma mais segura possível, foram as organizações que promoveram. As pessoas que ofereceram: máscara, álcool gel, até junto com camisinha e lubrificante. Essas campanhas foram todas as organizações de trabalhadoras do sexo que se desenvolveram.”

(Santuzza Alves de Souza, entrevistada em, 21 de dezembro de 2020).

Em alguns países, o Estado não praticava medidas sanitárias ou fornecia informações concretas para o atendimento à população. Isso, sem dúvida, representou um desafio para a organização de trabalhadoras do sexo. Uma líder diz sobre isso, que

“
A situação aqui permanece a mesma. Não houve nenhuma informação verdadeira que nos diga como está o Covid. Nunca recebemos orientação, informação. Lavar as mãos, usar álcool, máscaras ... Mas cada um por sua conta. Nunca recebemos nenhuma informação. Aqui no meu país, cada um se cuida da melhor maneira possível. E não há estatísticas confiáveis de como somos. Sabemos que cresceu porque ouvimos comentários de hospitais. Dizem que muitas pessoas já faleceram. Mas não existe uma estatística real. Não se sabe como está a situação em nosso país.”

(Líder sindical, entrevistada em 1º de dezembro de 2020).

IMPACTO NAS ORGANIZAÇÕES

Em geral, as organizações de profissionais do sexo na região reagiram rapidamente à chegada da pandemia da COVID-19. Com algumas diferenças entre os países, todos estavam passando por uma crise muito aguda envolvendo fechamentos de empresas, quarentenas, toques de recolher e maior controle sobre o movimento das pessoas nas ruas. Tudo isso acabou por exercer forte impacto na capacidade de trabalho das profissionais do sexo, como vimos ao longo deste relatório. As organizações não apenas perceberam imediatamente que as necessidades de seus pares aumentaram, mas também descobriram que as estratégias que normalmente usavam para apoiar, sensibilizar e politizar sua população - face a face e entre pares - de uma hora pra outra se tornaram inviáveis. Em relação a isso, uma entrevistada no Panamá indica que

“
Estaba en mi casa, no podríamos salir, era difícil, solo era por medios electrónicos, WhatsApp y eso.
”
(Entrevistada #4, Panamá).

Neste cenário, as profissionais do sexo não eram consideradas população-chave em nenhum dos países participantes deste projeto. Não havia programas específicos de prevenção conta a COVID-19 voltados esta população e nenhum fundo direcionado a elas para apoiá-las durante a pandemia. No entanto, as líderes das organizações começaram a bater de porta em porta e a requisitar ajuda aos contatos que já tinham em seus governos nacionais e locais, assim como nas organizações não-governamentais locais e internacionais. Por exemplo, no caso do Peru, Azucena nos diz que:

“
A ajuda eu que fui buscar, ne? Bati de porta em porta para as minhas meninas, né não? ”

“
O governo nos deu as costas, nunca houve auxílio para nós, uma cesta, nunca houve nada, nada, nada, nada. Mas eu tenho alguns conhecidos do Ministério da Saúde, do Ministério do Trabalho e da Mulher, e bati naquelas portas. Eu apareci lá e sim, me deram uma boa quantidade de cestas básicas para as profissionais do sexo
”
(Azucena Rodríguez, entrevistada em 7 de dezembro de 2020).

Todas as organizações relataram histórias semelhantes: os governos regionais não incluíram profissionais do sexo como população em seus programas de prevenção ou ajuda. Mas é nas organizações de base com muitos anos de trabalho e conexões que todas as profissionais do sexo puderam recorrer às redes existentes para obter suporte financeiro.

Dadas as regulamentações para prevenir o contágio, muitas organizações tiveram de fechar seus escritórios ao menos temporariamente. Algumas delas continuaram a abrir seus escritórios ao menos alguns dias por semana, como foi o caso no Chile e no Peru, onde as mulheres profissionais do sexo abriam os escritórios para pegar cestas básicas e kits de higiene. Em outros países, as ativistas saíam às ruas em busca de trabalhadoras do sexo para distribuir cestas básicas ou visitar locais de trabalho que ainda seguiam abertos, como foi o caso de El Salvador, República Dominicana e Paraguai. Cony, líder da organização em El Salvador, nos fala sobre a importância de procurar trabalhadoras do sexo, mas de forma segura:

“
Nós vamos. A gente vai na rua, nos estabelecimentos, na boate, né? A gente faz visitas. Claro, sempre mantendo as medidas de segurança e os protocolos.
”
(Cony, entrevista, 1º de dezembro de 2020).

É importante notar que mesmo em tempos de pandemia, antigos desafios para as organizações permaneceram os mesmos. Não ter acesso a fundos regulares para pagar as despesas diárias (aluguel de escritórios, telefones, luz etc.) é um problema persistente. Da mesma forma, é prática recorrente estar sempre em busca de projetos para obter recursos e cumprir as suas obrigações financeiras. Algumas lideranças, como Irina Ceballos da “ Mujeres con Dignidad y Derecho de Panamá “, expressaram sua frustração com as limitações do contexto atual.

“
Antes da pandemia, a gente tinha nossas atividades e oficinas para parceiras que sofriam violência, companheiras na luta do HIV, e tudo que tivesse a ver com a gente também. E agora você não pode fazer nenhuma dessas coisas, não podemos fazer trabalho de campo nessa situação, porque agora estamos em um hiato.”

(Irina Ceballos, entrevista em 2 de dezembro de 2020).

Muitas organizações de base da região concentraram seu trabalho na formação política de mulheres trabalhadoras do sexo nos últimos anos. Por meio de projetos com a Redtrasex, elas têm lutado por pautas tais como a sindicalização, mudança das leis que prejudicam as mulheres trabalhadoras do sexo e a sensibilização do setor público (em particular dos setores de saúde e segurança pública envolvendo a polícia e as forças militares). Tais ações visam combater o estigma. Nesse sentido, as organizações que tinham fundos e projetos antes da pandemia conseguiram manter seu trabalho com mais facilidade. Com a chegada da pandemia, várias organizações se viram obrigadas a mudar a abordagem mesmo que temporariamente, voltando sua atenção para o atendimento das necessidades básicas das profissionais do sexo no momento de crise. Santuzza explica:

“
Antes da pandemia, já tínhamos outro foco de trabalho, que era a formação política das trabalhadoras. E então tivemos que mudar o foco, certo? Passamos a dar assistência às trabalhadoras, fornecer alimentos, fornecer materiais para trabalhar com mais segurança. Agora é uma ajuda mensal de uma cesta básica. O trabalho de campo é realizado semanalmente, quando vamos ao local de trabalho e damos máscara, preservativo e álcool gel.”

(Santuzza Alves de Souza, entrevista, 21 de dezembro de 2020).

As palavras de uma líder podem ser aplicadas às circunstâncias de todas as ativistas da região:

“
Nada mudou. Aquelas de nós que buscam soluções são as da organização. Mas as autoridades, o governo, deles não recebemos nenhuma ajuda, nenhuma orientação. Nada. Nós mesmas nos ajudamos e cuidamos de nós mesmas.”
(Líder sindical, entrevista, 1º de dezembro de 2020).

Resumindo, o impacto da pandemia nas organizações de trabalhadoras do sexo na América Latina foi bastante significativo, mas não devastador, graças à anos de trabalho acumulado e relações estratégicas já estabelecidas com atores importantes.



Acima: parceira recebendo ajuda



Acima: Líderes do Redtralsex.

AJUDA MÚTUA E PARCERIAS

As organizações de trabalhadoras do sexo na América Latina são um exemplo de modelo de ajuda mútua. Por meio de entrevistas com líderes de organizações locais e pesquisas com profissionais do sexo em cada país, vê-se como elas praticam a solidariedade e não a caridade. Suas ações são coletivas, envolvendo a participação da população-alvo e abordam seus colegas com respeito e empatia em sua condição de trabalhadoras.

Todas as organizações nos doze países incluídos neste projeto distribuíram cestas básicas para mulheres profissionais do sexo em suas localidades. Estas cestas incluíam alimentos essenciais e itens de higiene, incluindo máscaras e álcool em gel. Uma habilidade importante dos líderes de organizações de trabalhadoras do sexo é ser capaz de se mover e se organizar rapidamente. Elena Reynaga menciona que, para o ano de 2020, elas buscaram o apoio do Fundo Robert Carr. A relação de apoio precede a situação de pandemia, mas, neste caso, o fundo tornou-se um doador importante para profissionais do sexo. Nas palavras de Elena,

“
...não teremos dinheiro suficiente
para salvar a vida de todas.”

“
Demos uma parte do dinheiro [do financiador] para que cada uma das organizações pudesse comprar comida e isso eu já disse pra vocês, mas da mesma forma, também falamos que “não teremos dinheiro suficiente para salvar a vida de todas, para alimentar todas porque isso não seria real, além disso não é nossa função.” Você tem que fazer isso para que suas colegas e suas afiliadas não confundam o papel da organização. Sempre dizemos “não somos uma organização de assistência”. Somos uma organização de serviços, somos uma organização política [...] Então, com base nisso, temos a segunda proposta, que era que as camaradas precisavam com urgência de uma pessoa que fosse especialista em comunicação ou técnico, certo? Uma socióloga, antropóloga, comunicadora. Uma comunicador que visse quais são as necessidades, como ajudar a organização, então o que fazemos? A gente distribui o que tem de maneira igual e leva uma pessoa em cada um dos países e montamos os termos de referência [...] O que essas pessoas fizeram são campanhas, né? Por meio das redes sociais, eles ensinaram suas colegas a gerenciar redes sociais .”
(Elena Reynaga, entrevistada em 18 de agosto de 2021).

Seguindo essa mesma linha, a dirigente Samantha Carrillo na Guatemala, nos diz que:

“*Começamos a fazer a coleta interna e começamos a nos mover. Começamos a enviar e-mails, começamos a ver quem poderia doar para nós, e começamos a nos mover para todo lado. Chegamos a cerca de 800 companheiras. Entregamos kits de dignidade, os quais continham absorventes higiênicos, sabonete em barra, toalha de rosto, xampu, escovas de dente. Com nossos próprios recursos, pudemos entregar um quilo de arroz, um quilo de feijão, meio quilo de macarrão, sopa, suco ou aqueles alimentos instantâneos para que pudessem fazer dois litros de comida fresca. Colocamos ainda café para elas e colocamos uma garrafinha de óleo para que a companheira pudesse ter pelo menos algo básico para poder dar aos filhos.*”

(Samantha Carrillo, entrevistada em 30 de novembro de 2020).

As organizações que participaram desta pesquisa entregaram alimentos a milhares de profissionais do sexo em diferentes países da América Latina. Se por um lado elas não tenham sido consideradas como população de alto risco de contágio, por outro, não são sequer consideradas como população com necessidade de trabalho. Assim, as organizações de base desempenharam um papel fundamental na sobrevivência das mulheres trabalhadoras do sexo e suas famílias. Santuzza enfatiza a importância de ajudar suas colegas a suprir suas necessidades mais básicas:

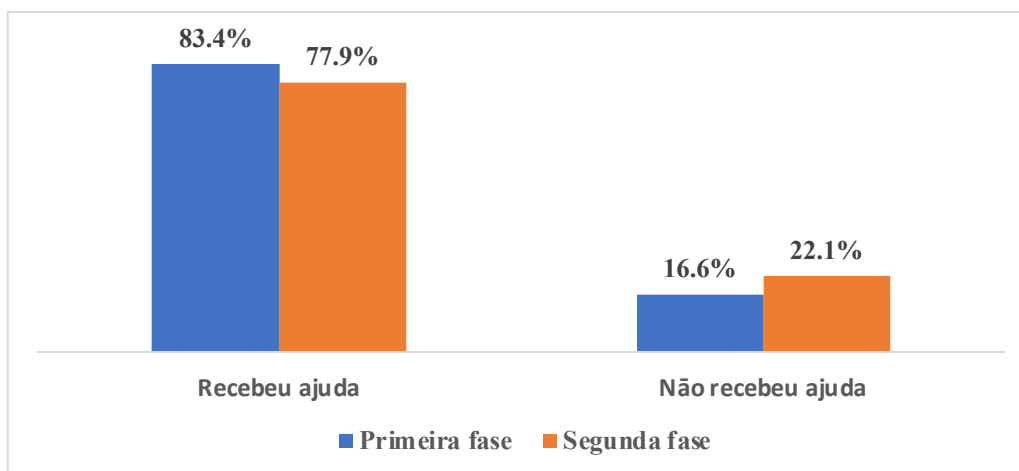
“*Tivemos que começar uma campanha para apoiar as mulheres. Começamos a receber doações de alimentos. Para as mulheres que tinham filhos, doamos fraldas descartáveis. Leite ... essas coisas. E estávamos tentando atender às necessidades básicas dessa forma. Acho que o mais importante, e o mais desesperador para uma mãe de família, é a falta de comida.*”

(Santuzza Alves de Souza, entrevistada em 21 de dezembro de 2020).

O depoimento das dirigentes das organizações é fundamental, pois coincide em grande parte com o que expressam as entrevistadas que receberam o auxílio. A título de exemplo, pode-se observar na figura 7 que cerca de 83,4% entre elas na primeira fase de investigação da pesquisa mencionaram que receberam ajuda de organizações de mulheres profissionais do sexo e, na segunda fase da pesquisa, 77,9% receberam a mesma ajuda. Este fato não só representa um número significativo de pessoas beneficiadas, mas também é a mostra de um esforço que se manteve ao longo do tempo. Apesar de existirem entrevistadas que não obtiveram ajuda (16,6% e 22,1% respectivamente), cabe acrescentar que, em geral, estas mulheres não conheciam as organizações anteriormente ou estiveram fora da cidade no início da pandemia, advindo daí a dificuldade de contatá-la em relação ao benefício.

FIGURA 7

Porcentagem de respostas de profissionais do sexo na primeira e segunda fases da pesquisa de acordo com a ajuda recebida de organizações de profissionais do sexo



Na tabela 8, podemos constatar o tipo de ajuda que os indivíduos pesquisados receberam. Se compararmos esta tabela com a tabela 7 acima, é possível concluir que as organizações absorveram o impacto de parte das mudanças sofridas pelas profissionais do sexo durante a pandemia. À giza de exemplo de tais mudanças podemos elencar a queda da renda e poder de compra, impossibilidade de cobrir as despesas com alimentação, o risco de contágio e observação do protocolo sanitário. Já os recursos que as organizações têm proporcionado têm em grande parte relação direta com alimentação (61,7%), produtos de higiene (21,9 %), preservativos, lubrificantes (7,7%) e ajuda monetária (7,1%). Estes dados nos mostram a resposta proativa e positiva por parte das organizações.

TABELA 8

Porcentagem de respostas de profissionais do sexo na primeira e segunda fases da pesquisa de acordo com o tipo de ajuda recebida pelas organizações de profissionais do sexo.

Tipo de ajuda	Absoluta	Relativa
Comida ou cestas básicas	305	61,7%
Máscaras, álcool em gel, sabonete e luvas	108	2,9%
Preservativos e lubrificantes	38	7,7%
Ajuda Monetária	35	7,1%
Palestras, treinamentos, reuniões, psicologia	21	4,3%
Exames ou testes	8	1,6%
Outros	43	8,7%

A resposta rápida e eficaz das organizações de profissionais do sexo à pandemia de COVID-19 ajudou milhares de pessoas em suas regiões. Contudo, além de fornecer produtos básicos de sobrevivência, elas também desempenharam papel fundamental na prevenção da disseminação da COVID-19. Em muitos países, as profissionais do sexo começaram a distribuir não apenas preservativos, mas também máscaras, álcool em gel e folhetos sobre como realizar o trabalho sexual com segurança durante a pandemia.

No Paraguai, uma ativista profissional do sexo, também graduada em enfermagem, orientava o processo de estruturação de palestras sobre a prevenção contra a COVID-19. Lucy conta que o objetivo destas palestras foi não só prevenir o contágio, mas também ajudar as colegas a continuarem trabalhando:

“
Deu muito trabalho pra que a gente pudesse implementar aquelas diretrizes que vinham do Ministério, que no caso era a questão do banheiro, colocar álcool em gel, botar luvas e outras coisas. Então aí, o trabalho que a UNES fez para empoderar as companheiras foi muito importante para que elas mantivessem todas as medidas de prevenção e pudessem, claro, continuar trabalhando. Em quatro, cinco meses fizemos as palestras, percorremos muitos lugares e assim conseguimos garantir que as companheiras cumprissem todas aquelas diretrizes para o caso da polícia chegar, ou se chegasse um inspetor municipal.”

(Lucy Esquivel, entrevistada em 7 de dezembro , 2020).

Como as profissionais do sexo são as principais responsáveis por suas famílias, parar de trabalhar não era uma opção viável para muitas delas. As organizações regionais reconheceram este fato e concentraram seus esforços em prover meios para o sustento básico de suas colegas de trabalho e no desenvolvimento de métodos de prevenção pertinentes ao trabalho sexual. Em maior ou menor grau, as organizações desempenharam um papel importante na prevenção da COVID-19 entre as profissionais do sexo e seus clientes.

Em função das necessidades de muitas pessoas na América Latina durante a pandemia, as organizações de profissionais do sexo tiveram que enfrentar um dilema no sentido de como proceder com membros de outras comunidades que pediam ajuda. A respeito, Carmen nos explica que:

FIGURA 9

Folheto de prevenção contra o Coronavírus no ambiente de trabalho sexual. Fonte: UNES, 2020.



FIGURA 10

Folheto de prevenção contra o Coronavírus no ambiente de trabalho sexual. Fonte: UNES, 2020.



“
Costumamos dizer: “só trabalhamos com a trabalhadora do sexo”. Mas como negar ajuda a uma mãe que trabalha como diarista e está desempregada e tem quatro ou cinco filhos? Acho que temos que ajudar os necessitados. Respeito e amor têm que ser para todos. Tentamos ajudar tanto quanto podemos. A gente prioriza as profissionais do sexo, mas isso não quer dizer que não vamos ajudar

aquela criança que pediu ajuda, aquele viciado em drogas, a travesti, a trans, a lésbica, todo mundo.”

(Carmen Costa, entrevista, dezembro de 2020).

Seguindo pelo mesmo caminho, Samantha na Guatemala aproveitou para combater o estigma presente em momentos como estes:

“
Vinham muitas mulheres carentes, vinham com crianças quando a gente distribuía ajuda. E nós também dávamos a elas, demos a elas uma cestinha de ajuda e dizíamos “é das trabalhadoras do sexo”. Uma me falou “trabalhadoras do sexo são prostitutas, né?”, aí eu falei “a gente chama assim às vezes para menosprezar a mulher ou para marcar [uma identidade], né? Somos todas parceiras e bem... você é nossa parceira, mas fazemos um trabalho diferente do seu, o que você faz? Você faz parte de um sindicato de trabalhadores da economia informal”. E elas diziam “ah, quer dizer que você também é da economia informal.”

(Samantha Carrillo, entrevistada em 30 de novembro de 2020).

Este é apenas um exemplo entre muitos outros, quando Samantha e suas companheiras estenderam a ajuda incluíam a mulheres que não eram trabalhadoras do sexo, mas que viveram de forma similar condições de grande necessidade humana. Mesma não se negando a ajudar, elas sempre fizeram questão de deixar bem claro que a ajuda recebida era proveniente das profissionais do sexo, que faziam um grande esforço para combater o estigma e promover o reconhecimento como trabalhadoras sexuais.

O que vale a pena salientar aqui é que as organizações de profissionais do sexo ajudam suas parceiras, mas também, em alguns casos, mostrando significativa solidariedade com as comunidades onde vivem. No contexto de abandono parcial ou total por parte do Estado, as profissionais do sexo oferecem assim um importante exemplo de ação coletiva, solidariedade e ajuda mútua.

Como mencionamos anteriormente, as organizações de trabalhadoras do sexo têm estratégias eficazes e experiência acumulada em prospectar recursos e apoio de seus contatos ou redes existentes e durante a pandemia, elas tiveram aliadas importantes. Na Costa Rica, por exemplo, La Sala

recebeu a doação de kits de higiene de uma organização de mulheres trans* além de alimentos e roupas de um grupo de universitárias que já haviam colaborado em anos anteriores.

“
Tem uma amiga minha em Pérez Zeledón... que por exemplo, se ela me liga e me pergunta que se eu estou sempre em La Sala e se eu sempre ajudo as mulheres, eu digo “sim, sempre, tô lá”, então Ela fala “quero ajudá-las em alguma coisa”, ele fala “mas não dando dinheiro, nem dando roupas nem nada”, digo “ah, não consigo pensar em nada”, digo “como podemos fazer isso, não eu sei, você quer mandar, tipo, não sei o que quer mandar... se quer mandar umas frutas, umas cestinhas, não sei...” e ele fala “bem, é verdade que algumas têm casa, moram em casa alugada e tudo”, eu falo “sim”.... e ela diz: “e o que você acha se eu pagar uma conta de luz por três meses?”, e eu digo: “claro que seria uma grande ajuda “[...] então isso ajudou a gente Os três meses dela ajudou a gente pagando a luz pra as meninas, só algumas, né? Não muitas, né? Mas ajuda algumas companheiras.”

(Nubia Ordóñez, entrevista, 2 de dezembro de 2020).

Em El Salvador, a organização Orquídeas del Mar conseguiu entregar cestas básicas e vale-dinheiro a outras profissionais do sexo, graças às relações já estabelecidas com organismos internacionais e vários municípios. Desta forma, elas conseguiram apoiar mais de 1.300 mulheres até o momento. Cony comenta a este respeito:

“
Nós enquanto Orquídeas del Mar fizemos acordos com os doadores, né? O DMA que é uma das organizações americanas, né? Dos Estados Unidos. Eles nos apoiam, eles nos apoiaram naquela época com 300 cestas, incentivos de 200 dólares [americanos, nota do tradutor] para cada mulher... ganhamos incentivos com um plano internacional de 100, uns de 300 dólares, outros de 50 dólares, cestas que a gente também pega com prefeitos dos municípios [...] sociedade civil que também doa cestas para nós, mas ganhamos muito, muitas cestas para as companheiras, que não era o que a gente queria mesmo... a gente queria mais, mas bem... não... não tinha como.”

(Cony, entrevista, 1º de dezembro de 2020).

No Paraguai e no Chile, as organizações receberam recursos e apoio financeiro de fontes novas e inesperadas: mulheres profissionais do sexo que trabalham virtualmente. As líderes Herminda e Lucy, ao abordar este tópico, enfatizam que:

“
As companheiras mais jovens, que trabalhavam virtualmente, também se solidarizaram para apoiar outras companheiras que não podiam trabalhar virtualmente para o sustento de suas famílias. Mulheres que trabalham com sexo de forma virtual apoiaram anonimamente as demais profissionais do sexo mais necessitadas e ainda têm sido até colaboradoras. Elas vêm até a gente para fazer cestinhas com mercadoria, e a gente se reúne num dia, no outro dia compramos, outro dia montamos, e no final de semana entregamos e assim ficamos juntas, cada uma desempenhando seu papel.”

(Herminda González, entrevistada em 9 de dezembro de 2020).

“
Começamos a apelar pela solidariedade de muita gente, tipo organizações afins, aliadas, que conhecemos dos movimentos feministas, até aquelas colegas que prestam serviços pela internet e que são um mais da parte VIP, e mercadorias doadas para nossos companheiros municipais.”

(Lucy Esquivel, entrevista, 7 de dezembro de 2020).

O depoimento de Elena Reynaga, da Redtrasex, coincide com o que outras dirigentes comentaram sobre o assunto:

“
O que aconteceu é que as profissionais do sexo que trabalham virtualmente se beneficiaram com a pandemia [...] então, elas colaboram botando um dinheiro para ajudar as parceiras que não estão bem, sacou? Foi algo assim, muito bonito, estou muito emocionada, pois quem tem pode ajudar quem não tem [...] também nos aliamos ao sindicato OTRAS na Espanha que tem muitas filiadas que trabalham online para ensinar as companheiras para trabalhar online. Os truques você tem que fazer, onde, quem vai pagar pelo serviço, como você vai ser paga... porque para muitas colegas este é um mundo desconhecido [...] então, as meninas em alguns escritórios nos ensinaram como essas profissionais do sexo... como... como elas devem trabalhar, quais são as plataformas mais ou menos confiáveis para ganhar dinheiro, onde elas podem publicar seus vídeos, bem, fizemos todas essas coisas através do Zoom.”

(Elena Reynaga, entrevistada em 18 de agosto de 2021).

Também no Chile, as trabalhadoras do sexo pediram ajuda a seus clientes e através da Fundação Margen também receberam doações de clientes (mulheres e homens). Diversas organizações de trabalhadoras do sexo mobilizaram seus aliados e criaram alianças a fim de apoiar suas comunidades. Tais colaborações, se pudessem ser mantidas a longo prazo, teriam o potencial de transformar ainda mais as relações sociais entre as profissionais do sexo e a sociedade em geral. Além disso, o compromisso demonstrado pelas organizações participantes deste projeto é bastante relevante para as mulheres profissionais do sexo. Uma entrevistada chilena nos contou sobre a importância de ter o apoio da Fundación Margen:

“
É legal, me sinto segura, apesar das condições que as próprias profissionais do sexo têm em relação à estigmatização do trabalho sexual. Sinto que é um apoio muito importante não só para mim, mas também para os outras colegas que recebem ajuda da fundação.”

(Entrevista 7, Chile).

Ainda em relação a esta temática, na figura 11 podemos constatar que as organizações de profissionais do sexo são as principais no tocante à manutenção da ajuda às profissionais do sexo.

De 88% das entrevistadas, apenas 9,2% e 14,5% conhecem ou recebem ajuda de outras organizações, fundações e programas de assistência social. A maioria, 90,8% e 85,5% afirmam desconhecer e não receber apoio de outras organizações.

O apoio de organizações de trabalhadoras do sexo foi fundamental para a sobrevivência de suas parceiras e significou muito para elas. Uma das entrevistadas no Panamá nos disse que:

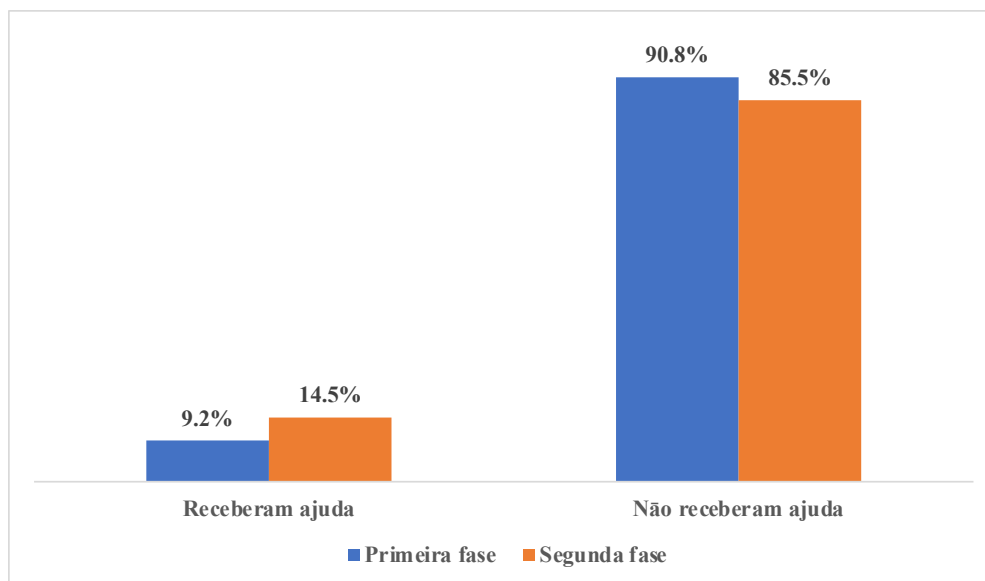
“
Significa muito porque sentimos que somos importantes. Porque vocês me apoiaram, meus filhos, dessa forma, algo que o governo nunca fez.”

(Entrevistada 3, Panamá).

As ações coletivas que constatamos durante a pandemia são um exemplo de como lidar com crises, mas ao mesmo tempo revela as capacidades e habilidades já existentes das organizações de trabalhadoras do sexo: solidariedade, redes e alianças (incluindo a criação de nossas colaborações) e o compromisso em lutar por um mundo melhor e mais justo para as trabalhadoras do sexo.

FIGURA 11

Porcentagem de profissionais do sexo pesquisadas na primeira e segunda fase da pesquisa que receberam ajuda de outras organizações





Acima: foto de graffiti de rua tirada por John Angel

FORMAS DE CONTATO E POSSIBILIDADE DE CONTINUIDADE

Para encerrar esta seção, são apresentados dados que podem ser de interesse para o trabalho de campo realizado pelas organizações de trabalhadoras do sexo em diferentes países. Na tabela 9, por exemplo, verifica-se que 14,6% têm entre 1 e 5 anos de conhecimento da organização e 14,4% têm mais de 5 anos, o que, em termos gerais, revela contatos e trabalho de longa duração com as profissionais do sexo. Acrescente-se que 3,4% das respondentes têm contato com a organização há menos 1 ano, sendo que 5,9% tiveram seu primeiro contato no mesmo dia da aplicação da pesquisa, de forma que, apesar das condições adversas durante a pandemia, as organizações mantiveram seu trabalho de conduzir seu trabalho de campo e de sempre buscar novos parceiros.

Na tabela 10, observamos que 48,4% conhecem a organização por meio de uma colega ou amiga e 23,7% por meio de visitas, palestras ou indicação de membros da organização. À exemplo da tabela anterior, é possível observar que existe um contato próximo, regular e constante.

Por fim, a tabela 11 revela que, tanto na primeira como na segunda fase da investigação, as entrevistadas tiveram a oportunidade de participar de atividades das organizações durante a pandemia. Embora tenha sido mencionado que tais organizações enfrentaram importantes desafios, elas tiveram ao mesmo tempo a oportunidade de continuar trabalhando e estreitando laços com a população-alvo.

TABELA 9

Porcentagem de profissionais do sexo pesquisadas de acordo com o tempo de conhecimento da organização de profissionais do sexo

Tempo que conhecem a organização	Relativo
Não conhece a organização ou foi a primeira vez que fez contacto	5,9%
Menos de um ano	3,4%
Entre um e cinco anos	14,6%
Mais de cinco anos	14,4%
Outros ou tempo não definido	9,1%

TABELA 10

Porcentagem de profissionais do sexo pesquisadas de acordo com o que sabem sobre a organização de profissionais do sexo

Como conheceu a organização	Relativo
Por meio de amiga ou colega de trabalho	48,4%
Por meio de visitas, palestras ou informação de integrantes da	23,7%
Outros	3,4%

TABELA 11

Porcentagem de profissionais do sexo entrevistadas de acordo com a participação nas atividades de organizações de profissionais do sexo durante a pandemia

Participação em atividades	Primeira fase	Segunda fase
Participou de atividades	46,2%	48,7%
Não participou de atividades	41,3%	39,1%

PROJEÇÕES FUTURAS

A pandemia da COVID-19 foi um momento difícil para as profissionais do sexo na América Latina. Contudo, elas têm demonstrado claramente sua capacidade de organização, de solidariedade e de ação coletiva. Em nenhum país foram observados programas de vacinação específicos para profissionais do sexo na região. Nos países que se oferecem vacinas, estas são alocadas suas populações em função da faixa etária e de doenças crônicas, mas não reconhecem que o trabalho sexual exige contato próximo e íntimo e, portanto, é uma ocupação de risco. Diversos países estão passando por crises políticas e institucionais e, ao mesmo tempo, estavam em crise devido à própria pandemia, como é o caso do Chile, Colômbia e Peru. Isso implica que as autoridades locais, incluindo no campo da saúde pública, são mais questionadas e geram pouca confiança. Apesar desses desafios importantes, as organizações de trabalhadoras sexuais seguem avançando, Samantha expressa que:

“
A nossa atividade em relação às vacinas é criar um programa que permita o registo de mulheres profissionais do sexo, uma vez que, se elas não tiverem acesso à Internet ou smartphone, não poderão se registrar para tomar vacina. É por isso que queremos um programa que possa apoiá-las nesse aspecto. As mulheres profissionais do sexo em geral veem com preocupação a situação de desvantagem que vivemos diante da COVID-19 e da resposta do país.”

(Samantha Carrillo, entrevista, 30 de novembro de 2020).

As organizações continuam apoiando suas colegas, mas também nutrem sonhos e planos importantes para o futuro. Muitas estão voltadas para a sindicalização e têm como meta específica a formação de um sindicato, mesmo com as limitações da pandemia. A esse respeito, Herminda afirma que:

“
Queremos formar uma escola sindical para as camaradas em todo o país via Zoom, e conseguir formar o sindicato das mulheres trabalhadoras do sexo de rua. É muito importante, porque o fato de nos reconhecerem como sindicalistas, nos reconhecerem como contingentes da classe trabalhadora. E continuaremos agregando parceiras, continuaremos adicionando parceiras e um dia poderemos trabalhar junto com as virtuais, as autônomas, todas elas. Ou seja, todas as pessoas que praticam o trabalho sexual de uma forma ou de outra se unirem.”

(Herminda González, entrevista, 9 de dezembro de 2020).

Os países que já possuem sindicato reconhecem sua importância, assim como a de defender e ampliar os direitos conquistados pelo sindicato. Fidelia discute esta questão:

“
Temos o objetivo de continuar fortalecendo o sindicato, continuar ampliando a cobertura, e passarmos a posicionar companheiras com perfis diferenciados nos espaços políticos, pois temos que estar por dentro do processo decisório e começar a falar politicamente. A pandemia continua, mas continuamos firmes e em frente.”

(Fidelia Suárez, entrevista, 8 de dezembro de 2020).

Nos países nos quais as organizações não possuem ainda um projeto que apoie as trabalhadoras sexuais nem condições mínimas para manter um escritório, o objetivo principal é simplesmente seguir em frente. As líderes Irina Ceballos do Panamá e Nubia Ordóñez da Costa Rica comentam:

“
Procur não desistir, pois, porque este ano tem sido muito difícil para nós aqui na organização aqui no Panamá, mas a ideia é não desistir e continuar tentando, continuar procurando um projeto que nos ajude a sustentar o escritório, continue saindo às ruas para falar com os companheiras, para ter a organização mais fortalecida com mais camaradas.”

(Irina Ceballos, entrevista, 2 de dezembro de 2020).

“
As prioridades para mim seriam tentar seguir cumprindo, não vacilar nas reuniões e não vacilar para que La Sala não morra e porque a verdade é que sem dinheiro é muito difícil manter a organização, custa muito e queremos para fazer muitas coisas. Então, meu objetivo para o próximo ano é ver se se começamos a buscar projetos. Temos que continuar lutando, porque merecemos nossos direitos.”

(Nubia Ordóñez, entrevista, 2 de dezembro de 2020).

Outra prioridade identificada nesta pesquisa é a criação de leis que reconheçam o trabalho sexual como trabalho regulamentado. Como se pode observar na figura 12, no universo de 94% das mulheres pesquisadas, 83,7% na primeira fase da pesquisa afirmam ser a favor de uma lei para o trabalho sexual e 86,1% o afirmam na segunda fase da pesquisa. Estes dados refletem o projeto que vários países já desenvolvem junto à Redtrasex. A categoria “outros” representada por 10,5% e 9,2% referem-se às respondentes que se mostraram indecisas, céticas ou com conhecimento insuficiente para serem a favor de uma lei para o trabalho sexual. Essas respostas são geralmente consistentes com as entrevistadas que não sabem ou não têm contato com organizações de profissionais do sexo.

As trabalhadoras do sexo veem a lei como uma oportunidade para melhora de suas condições de trabalho:

“*trabalharíamos em paz, sem pressão da polícia, sem discriminação porque há muitas pessoas que nos discriminam aqui.*”
(Encuestada 2, Chile).

O objetivo mais importante de uma lei que regulamenta o comércio sexual é que implique reconhecê-lo como trabalho, nas palavras de uma das entrevistadas no Brasil:

“*Seríamos como trabalhadoras normais, certo? Isso não é um trabalho para muitas pessoas, mas para nós é um trabalho.*”
(Entrevistada 13, Brasil).

A ajuda mútua implica solidariedade e ação coletiva em tempos de crise, como têm demonstrado claramente as trabalhadoras do sexo na América Latina. Não se trata apenas de uma questão de garantir que seus pares possam atender às suas necessidades básicas, mas também compreender as razões pelas quais as trabalhadoras do sexo não têm o que precisam para progredir. As mulheres que entrevistamos são ativistas e líderes de movimento, e não trabalham em programas de caridade. Seu foco central segue sendo o combate ao estigma, melhoria das condições de vida e de trabalho das trabalhadoras do sexo não apenas durante a pandemia, mas após seu término. A crise da COVID-19 é um momento único de sobrevivência, mostrando como o fato de as trabalhadoras do sexo não sejam consideradas trabalhadoras formalizadas por seus governos além de não serem reconhecidas como as líderes que são pode ser prejudicial. Isso nos ensina que essa crise faz parte de um sistema maior que requer grandes

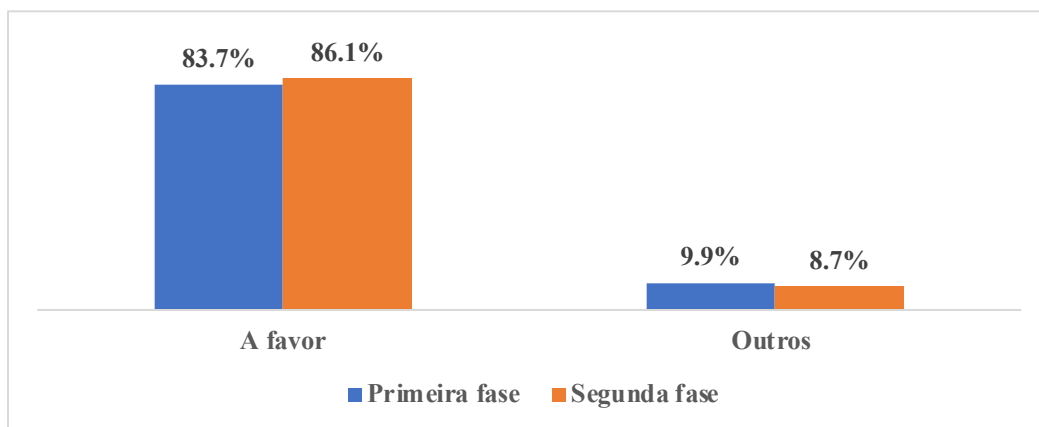
mudanças. E as organizações nacionais e a Redtralsex têm isso muito claro: estão lutando para vencer. É um momento de crise para um grande projeto de longo prazo.

Elena Reynaga, em relação a isso, reconhece que o trabalho de cada uma das organizações de trabalhadoras do sexo da Redtralsex é valioso e tem grande reconhecimento internacional. Por isso, ela se orgulha de suas colegas e a questão da saúde mental é igualmente importante. Sobre isso, ela expressa que:

“*Não existe nenhuma organização, pelo menos que eu saiba, na região, que tenha feito o trabalho que nós fizemos, não existe, não existe, por isso somos tão considerados por todas as agências das Nações Unidas, até por alguns governos [...] É por isso que eu acho que a gente tem que trabalhar muito a questão da saúde mental, porque, né, se deparar com a escuta do outro, junto com algo que você já viveu... talvez para outras pessoas, esse seja meu lugar de fala... então se você está ouvindo outro que está te falando o que você já sabe, ou seja, se você passou por aquela dor..., não é que você não saiba mas, em todo caso, na entrevista você revive a dor, você abre feridas, percebeu? [...] Então, é por isso que eu gostaria que me financiassem [emocionada.] É por isso que é duas vezes valioso para as parceiras fazerem o que eles fazem [...] então, como posso não sentir orgulho do que eles fazem? É profundo! E eu digo: “tem que ter muito peito para fazer o que a gente faz”, tem que ter muito peito mesmo, sacou?*”
(Elena Reynaga, entrevista, 18 de agosto de 2021).

FIGURA 12

Porcentagem de profissionais do sexo pesquisadas na primeira e segunda fase da pesquisa de acordo com sua posição sobre a criação de uma lei sobre o trabalho sexual.



CONCLUSÕES

“

Y me gusta, me gusta, me encanta lo que hago, yo volvier a nacer volvería a ser trabajadora sexual y volvería a ser líder, de verdad que sí, y volvería a hacer mi trabajo que hago con mucho, mucho cariño, de verdad.”

Herminda González, entrevista, 9 de diciembre del 2020).

Nenhum governo da América Latina e Caribe reconheceu que as profissionais do sexo são um grupo de alto risco devido à natureza de suas atividades de trabalho. Nenhum governo concedeu qualquer tipo de ajuda específica para elas, nem prevenção ou ajuda de subsistência. Como não existe um amplo reconhecimento na região do trabalho sexual como força de trabalho formal, as organizações de profissionais do sexo tiveram que tomar a iniciativa de desenvolver programas de ajuda mútua, algo que já têm feito naquela região há muitas décadas. Por esta razão, puderam validar as capacidades, as redes de contatos e as práticas já existentes para poder fornecer apoio às suas colegas trabalhadora sexuais durante a pandemia.

Neste sentido, a pandemia tem sido um momento difícil para populações marginalizadas e, as profissionais do sexo não são exceção. Com seu trabalho, elas sustentam suas famílias e, no contexto de pandemia, experimentaram uma diminuição significativa em seus clientes e, como consequência, em sua renda. Muitas inclusive não puderam sair para trabalhar por um período longo e, aquelas que puderam fazê-lo se viram com menos clientes e maiores dificuldades em atender suas necessidades básicas. Algumas tiveram até que pegar empréstimos ou gastaram suas economias para conseguirem fazer frente às suas despesas.

O contexto de cada país influenciou no impacto local da pandemia. Constatamos que nos lugares nos quais as organizações de trabalhadoras sexuais já trabalhavam sem instalações físicas ou renda regular, como é o caso de Panamá e Costa Rica, enfrentaram maiores desafios para fazer chegar o auxílio às suas comunidades. Da mesma forma, em vários países vivem momentos de crise política e os recursos para suas organizações têm sido bastante restritos. Contudo, apesar

“

... se eu nascesse de novo, eu seria uma trabalhadora do sexo de novo e seria uma líder de novo... ”

das dificuldades específicas a cada país, o que este projeto evidencia claramente é a invejável capacidade de organização, perseverança, resiliência e liderança. Um ótimo exemplo disso vem de um líder que nos diz que:

“

Nosotros le tenemos mucho, mucho compromiso con la causa. Somos militantes, somos la voz de todas las mujeres trabajadoras sexuales de mi país. Sabemos que vamos a continuar, pueden venir todas las pandemias, al fin y al cabo, pero lo más importante es confiar que la lucha se mantenga.”

(Entrevistada em 1º de dezembro de 2020).

Graças a décadas de liderança na luta contra o HIV/AIDS na América Latina, as organizações de profissionais do sexo são especialistas em redução de danos e prevenção de infecções. Elas assumiram um papel de liderança com as trabalhadoras do sexo e, às vezes, em suas comunidades ampliadas. Embora o impacto da pandemia na América Latina tenha sido devastador, Carmen fala da solidariedade como um efeito inesperado:

“

Acho que nunca houve tanta solidariedade entre as trabalhadoras do sexo como agora. Para as profissionais do sexo, uma das coisas que restou, que COVID fez bem, ensinou as profissionais do sexo a valorizar a vida, a valorizar a vida dos outros.”

(Carmen Costa, entrevistada em 21 de dezembro de 2020).

A despeito da ausência flagrante de apoio estatal, as profissionais do sexo na América Latina responderam com rapidez e eficiência às novas e desafiadoras circunstâncias da pandemia. Seus métodos para praticar a prevenção coletiva oferecem uma perspectiva exemplar no sentido de como grupos socialmente marginalizados podem responder a questões sociais complexas com simplicidade e criatividade. Suas práticas de ajuda mútua e solidariedade em tempos de crise são um exemplo de esperança para o mundo.

REFERÊNCIAS

Gideon, J. 2020. Introduction to COVID-19 in Latin America and the Caribbean. *Bulletin of Latin American Research* 39(1): 4-6.

Hardy, Kate and Megan Rivers-Moore. 2020. “El papel de Redtrasex en la sindicalización de las trabajadoras sexuales en América Latina” Research Report. Carleton University, Canada.

Hardy, Kate and Megan Rivers-Moore. 2018. “*Compañeras de la calle: Sex Worker Organising in Latin America.*” *Journal of Social History and the History of Social Movements*. 59: 97-113.

Harrison, Chase et al. (2022). “Timeline: Tracking Latin America’s Road to Vaccination. AS/COA. <https://www.as-coa.org/articles/timeline-tracking-latin-americas-road-vaccination>

RedTraSex (2018). Trabajo Sexual y Violencia Institucional. Cuando la clandestinidad va de la mano del abuso de autoridad y la vulneración de derechos. Buenos Aires: Publicaciones de la RedTraSex en [http:// www.redtrasex.org](http://www.redtrasex.org)

RedTraSex (2016). Violencia Institucional y Social contra las Trabajadoras Sexuales de Latinoamérica y el Caribe. Diagnóstico de Situación. Buenos Aires: Publicaciones de la RedTraSex en [http:// www.redtrasex.org](http://www.redtrasex.org)

RedTraSex (2015). Resumen Ejecutivo: Situación de Derechos Humanos de Mujeres Trabajadoras Sexuales en 15 países de las Américas. Presentado ante la CIDH. Argentina: Publicaciones de la RedTraSex en <http://www.redtrasex.org>

Taylor, L. 2020. How Latin America is fighting covid-19, for better and worse. *British Medical Journal* 370: m3319.

